

COMUNICAÇÃO E JUVENTUDES EM MOVIMENTO

NOVAS TECNOLOGIAS, TERRITÓRIOS
E DESIGUALDADES

03

IDENTIDADE FAVELADA, JUVENTUDE E O USO DAS NTICs

RELATÓRIO DE ESTUDO DE CASO
POR *Patrícia Lânes Araujo de Souza*

REALIZAÇÃO:

ibase.

IDRC  CRDI

Agradeço especialmente a leitura de Juliana Farias, socióloga, com vasto trabalho em favelas do Rio de Janeiro, doutoranda em Sociologia (PPGSA/ IFCS/ UFRJ) e especialista no tema. Sem suas atentas contribuições, muitas reflexões teriam ficado pelo meio do caminho. Agradeço, ainda, a todas as entrevistadas que leram e fizeram considerações sobre o relatório, em especial Diego Santos, Juan Souza, Francisco Valdean, Maycom Brum, Repper Fiell e Thamyra Thamara, que participaram da oficina de devolução da pesquisa em 5 de dezembro de 2012.

INTRODUÇÃO	4
RELATO METODOLÓGICO: A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS DE PESQUISA	7
OS ENTREVISTADOS(AS) E SUA INSERÇÃO NO “MUNDO VIRTUAL”: QUEM SÃO E O QUE CRIAM	10
MEDIAÇÕES E COLETIVOS, REPERCUSSÕES NAS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS	23
USOS E DESUSOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS	27
O LUGAR DAS NTICS NAS PRÁTICAS COTIDIANAS E EM SITUAÇÕES “EXTRAORDINÁRIAS”	32
OCUPAÇÃO DA VILA CRUZEIRO/ COMPLEXO DO ALEMÃO – DEZEMBRO DE 2010	33
O CASO DO PLANO INCLINADO – SANTA MARTA	38
ATO CONTRA A REMOÇÃO DO PICO/ SANTA MARTA	41
ASSASSINATO DE CRIANÇAS E JOVENS PELA POLÍCIA NA MARÉ: O CASO MATHEUS	43
#OCUPABORELAS9 E #OCUPAALEMÃOAS9: NOVAS LINGUAGENS DE MOBILIZAÇÃO EM FAVELAS E ENTRE JOVENS CARIOCAS	49
TUDO JUNTO E MISTURADO: QUESTÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	61
PERFIL JOVENS ENTREVISTADOS(AS) NO ESTUDO DE CASO “IDENTIDADE FAVELADA E O USO DAS NTICS PARA MOBILIZAÇÃO SOCIAL”	61
LISTA DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS (GRUPOS, MOVIMENTOS, ONGS E OSCIPS) COM AS QUAIS OS(AS) ENTREVISTADOS(AS) ESTÃO OU ESTIVERAM ENVOLVIDOS(AS)	62

PATRÍCIA LÂNES ARAUJO DE SOUZA
é colaboradora do Ibase e doutoranda
do Programa de Pós-graduação em
Antropologia (PPGA) da Universidade
Federal Fluminense (UFF).

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo apresentar os resultados de um dos estudos de caso que compõem a pesquisa *Jovens pobres e o uso das NTICs na criação de novas esferas públicas democráticas*, coordenada e realizada pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e financiada pelo Centro de Pesquisas para o Desenvolvimento (IDRC/Canadá). Os casos a serem estudados foram definidos em uma primeira etapa da investigação, a partir de um levantamento inicial realizado nas redes sociais virtuais e em *blogs*, considerando a visibilidade pública de algumas pautas nas quais jovens moradores de áreas populares do Rio de Janeiro estiveram (potencialmente ou de fato) envolvidos, e de consulta a uma rede de parceiros e pesquisadores sobre variados temas afins.

Se nos últimos anos, e em especial em 2011, muitas mobilizações públicas significativas (Egito, Tunísia, Espanha, EUA, Chile etc.) fizeram uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), a fim de convocar participantes e ampliar sua visibilidade e seu alcance, ainda é pouco conhecido (muito provavelmente por ser um fenômeno social recente e ainda em curso) o perfil das pessoas envolvidas nessas manifestações (sejam elas de massa ou não), bem como o real papel dessas Novas Tecnologias, que aqui não serão tratadas em toda sua complexidade. Na verdade, no tempo de realização do trabalho de campo da pesquisa (de junho a setembro de 2012), foi possível entender esses usos marcadamente associados à Internet. No entanto, aparelhos celulares e máquinas fotográficas digitais também aparecem nas entrevistas como formas relevantes para este caso em particular, revelando algumas dimensões que associam ambos ao desenvolvimento da chamada Internet 2.0, que possibilita e potencializa a produção de conteúdo por parte do antigo público ou receptor das informações.

O caso que será objeto deste relatório em particular parte da percepção de que pessoas, sobretudo jovens, estão indo a público por meio de *blogs* pessoais, institucionais, das redes sociais virtuais das quais participam ou de outros mecanismos de compartilhamento da informação na Internet (entre eles, destacam-se, neste caso, YouTube e Flickr) para falar de sua realidade como moradores e moradoras de favelas (aqui, para efeitos de pesquisa, circunscritas às do Rio de Janeiro). Nesse sentido, apesar de se reconhecer a grande diversidade social (e mesmo de renda) existente nas favelas cariocas¹, tomou-se o local de moradia (e a precariedade de serviços, bem como a fragilidade

1. VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela. Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

na garantia de direitos) como aspecto relevante para definição do que estamos chamando de pobreza. Ainda assim, será descrita a diversidade dos(as) jovens entrevistados(as) em termos socioeconômicos e culturais em capítulo sobre o perfil dos(as) investigados(as).

Retomando a utilização da Internet por este grupo, uma parte das informações compartilhadas é uma espécie de “crônica do cotidiano”. Nelas são enfatizadas muitas vezes aspectos positivos da realidade das favelas: lideranças comunitárias anônimas para pessoas de fora daquele espaço, atividades e ações realizadas por moradores(as) ou grupos de fora ou de dentro daquela localidade, paisagens e imagens inusitadas de uma favela (quando se pensam nas imagens fortemente estigmatizadas que costumam ser veiculadas nos grandes meios de comunicação, que associam a vida da favela à violência e precariedade). Por outro lado, alguns desses atores também se utilizam desses meios para denunciar violações de direitos, sobretudo nas áreas de segurança pública e moradia, a partir de seu ponto de vista. E, se há diversidade no perfil dos entrevistados, também encontraremos certa diversidade na enunciação desses discursos e nas representações acerca das favelas.

Tomamos como objeto de pesquisa espaços na Internet tão variados quanto portais de notícias (Viva Favela, Voz das Comunidades, ESPOCC/Observatório de Favelas), *sites* institucionais (Raízes em Movimento, Visão da Favela), *sites* e *blogs* de jornais comunitários (O Cidadão), *blogs* pessoais (O Cotidiano e (In)visíveis), *blogs* de projetos (Correspondentes da Paz), postagens de vídeos no YouTube e perfis pessoais e institucionais no Facebook, Flickr e Twitter². Cada uma dessas “ferramentas” (termo utilizado usualmente por eles nas entrevistas para se referirem à Internet ou aos *blogs*, *sites*, redes sociais etc.) possibilita um tipo de enunciação sobre esses locais de moradia, por vezes mais distanciado, e, em outras, a partir de experiências bastante pessoais.

É importante também explicitar inicialmente que, apesar de termos escolhido como ponto de partida a Internet, em que muitas vezes a dimensão territorial é diluída (ou substituída por certa noção de “espaço virtual”³ onde impera outra lógica espacial ou de territorialidade), neste caso específico, a ideia de território, a partir do forte vínculo entre os(as) jovens e seus locais de moradia, esteve presente tanto na definição dos(as) entrevistados(as), moradores de algumas favelas do Rio de Janeiro⁴, para que fosse possível entender (sobretudo na tentativa de compreender o fenômeno a partir de alguns eventos específicos territorialmente circunscritos) o uso das Novas Tecnologias não como uma abstração, mas como parte do cotidiano entre certo grupo de jovens de favela. Não se buscou, portanto, esgotar a questão. Assim como todo estudo de caso, sua importância reside no fato de buscar entender um fenômeno social mais amplo a partir da análise aprofundada de uma realidade social específica. Busca-se trazer pistas

2. O Orkut apresentou baixíssima utilização e atualização entre os pesquisados, ainda que alguns deles mantenham seus perfis. Para os endereços dos blogs, sites e demais domínios pesquisados, ver cap.3, Perfil dos(as) entrevistados(as).

3. Para uma crítica sobre a utilização da noção de “espaço virtual”, ver NAME, 2012.

4. De acordo com o último Censo Demográfico (IBGE, 2010), existem hoje 763 favelas no Rio de Janeiro, com 1.393.314 habitantes, ou seja, 22,03% do total de 6.323.037 moradores. O Rio é a cidade com o maior número de favelas do Brasil. Essas favelas são significativamente heterogêneas entre si, mesmo em termos culturais e das políticas públicas de que são objeto. Sendo assim, optou-se por circunscrever a maior parte da análise a apenas algumas localidades: Complexo do Alemão, Complexo da Maré, Borel, Cidade de Deus e Santa Marta.



sobre um fenômeno recente, a partir da análise de alguns atores e acontecimentos nos quais as Novas Tecnologias estiveram fortemente presentes, contribuindo para determinar o curso das ações.

Optou-se por construir este relatório iniciando com um breve relato metodológico para, em seguida, apresentar o perfil dos(as) jovens e o que produzem na Internet. Será também pertinente apresentar de que forma grupos e instituições, aqui nomeadas de forma mais genérica como mediadores, operam neste cenário, tanto no que se refere à apropriação dessas tecnologias quanto como atores sociais e políticos que vêm adensando possibilidades de formação dessas pessoas, ou ainda circunscrevendo a inserção desses jovens como produtores de informações. Buscou-se, ainda, mapear alguns eventos nos quais as Novas Tecnologias foram usadas como possibilidade de criação de um ponto de vista próprio aos(às) moradores(as) de favelas em contexto de violações de direitos. E, por último, serão apresentadas algumas reflexões a partir do estudo de caso, esperando-se que possam ser objeto de novas questões e, quem sabe, futuras pesquisas.

RELATO METODOLÓGICO: A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS DE PESQUISA

O caso em questão, que inicialmente nomeamos como “identidade favelada”, foi definido a partir da identificação de uma série de iniciativas – institucionais, coletivas ou individuais – em que a Internet e suas ferramentas estavam sendo usadas para afirmar o espaço da favela como um lugar de moradia positivo, mas também denunciar precariedades e violações de direitos que continuam a ocorrer em tais espaços.

Outro aspecto de interesse para esta definição foi a forte participação de jovens nesse processo, seja por meio de projetos sociais de organizações não governamentais (ONGs) que criaram a figura do “correspondente comunitário” e que são intencionalmente voltados para este público; seja a partir de *blogs*, seus perfis em redes sociais ou da atuação em coletivos menos institucionalizados, mas nos quais o tema da favela também é pautado.

Um terceiro aspecto também deve ser mencionado: ainda que não estejamos falando de manifestações públicas de massa (como alguns dos casos citados na introdução), este caso nos aponta uma forte tendência para a necessidade de se estudarem fenômenos deste tipo, a partir da perspectiva de uma interação mais corriqueira entre a utilização das NTICs e eventos públicos. Aqui, serão brevemente narrados e analisados alguns eventos concretos nos quais este vínculo se deu de forma central no desenvolver dos ocorridos (o que, como veremos, não exclui uma utilização cotidiana de diferentes meios relacionais às NTICs para agendamento de reuniões, troca de informações, tomada de decisões etc.).

No entanto, talvez o aspecto mais relevante para a definição deste caso nos presentes termos tenha sido a possibilidade de verificar de que modo pessoas que não teriam como produzir informações para os meios de comunicação tradicionais, comerciais ou de massa conseguem dar visibilidade a suas opiniões, ampliando a repercussão de suas ideias. Certamente, não se trata de debate novo e, entre alguns dos(as) jovens pesquisados(as) – parte deles com formação em Jornalismo ou áreas correlatas –, o uso das NTICs, sobretudo de *blogs*, *sites* e seus perfis em redes sociais se associa ao debate das mídias comunitárias e à produção de um conteúdo que não é visto na grande mídia (ao menos, não do ponto de vista dos moradores) ou por ela reconhecido. No entanto, em outros casos, veremos que a distinção entre produção independente de informação (a ser veiculada na Internet) e produção de informação pelos grandes meios de comunicação encontra-se menos evidente do que poderíamos imaginar: pelo menos dois dos 11 jovens entrevistados foram ou são contratados de uma grande emissora de televisão e, de formas distintas, servem de ponte ou fazem a mediação entre o ponto de vista “da comunidade” e de grandes telejornais ou outros programas televisivos.

5. Para a lista dos entrevistados, bem como dos blogs e páginas virtuais tomadas para a análise ver Anexos.

6. O Complexo do Alemão é hoje uma das maiores favelas (ou complexo de favelas, de acordo com categoria utilizada pelo Instituto Pereira Passos (IPP), órgão oficial da Prefeitura), com 58.430 habitantes. Embora nem o IBGE nem o IPP agrupe as favelas da região da Maré em um único complexo, as populações do Parque União, do Parque Rubens Vaz, da Nova Holanda, do Parque Maré, da Baixa do Sapateiro e do Timbau, somadas, era de 64.215 moradores em 2010. Os dados do mesmo Censo revelam que 36.515 pessoas viviam na Cidade de Deus (onde houve decréscimo populacional desde o Censo anterior), 7.551 pessoas no Morro do Borel e 3.913, na Santa Marta. Tratam-se, portanto, de favelas bastante distintas, mesmo em termos demográficos.

7. Ainda que nem todas elas tenham sido pacificadas (das favelas onde os(as) entrevistados(as) vivem, apenas a Maré ainda não foi alvo direto da política de pacificação, mas foi anunciada como uma das próximas), boa parte da agenda de segurança pública nesses espaços passa pela implantação de um projeto de pacificação, que possibilita certa melhoria na qualidade de vida, mas também seus problemas; e também pelas expectativas – positivas e negativas – geradas pela possibilidade da implantação de UPPs em novos territórios.

O trabalho de campo foi conformado a partir de levantamento e análise de sites, blogs, perfis em redes sociais virtuais, além de entrevistas em profundidade com 13 pessoas envolvidas na dinâmica em questão: 11 deles, jovens *blogueiros* ou correspondentes de projetos de ONGs e outras iniciativas similares; e dois adultos coordenadores de iniciativas com relevância para o caso (Viva Favela e ESPOCC). Uma das entrevistas realizadas com jovens, no entanto, tinha “dupla entrada”, já que, ainda que fosse um jovem usuário de tais ferramentas, tratava-se também de coordenador de uma das iniciativas mapeadas (Correspondentes da Paz).

As entrevistas foram realizadas de junho a setembro, bem como o levantamento do material disponível na Internet⁵. As entrevistas foram marcadas em geral com facilidade, sendo que a maior parte dos contatos (no caso das pessoas que a pesquisadora não conhecia) foi estabelecida a partir do Facebook, por indicação de outros entrevistados, o que facilitou a comunicação inicial e, quase que invariavelmente, a marcação das conversas. A maior parte delas realizou-se em local de trabalho ou próximo ao local de moradia dos(as) entrevistados(as), quase todas nas favelas onde moravam. Parte dos(as) entrevistados(as) foi identificada a partir de nossos informantes iniciais (jovens, técnicos, educadores e pesquisadores), graças à inserção prévia do Ibase nas questões de juventude e favela. Outros deles(as) foram sugeridos ao longo das entrevistas e buscou-se sua atuação na Internet antes de concretizá-las.

Os entrevistados são moradores de apenas algumas favelas da cidade, são elas: Santa Marta, Complexo do Alemão, Complexo da Maré, Borel e Cidade de Deus⁶, favelas das zonas Sul, Norte e Oeste do Rio de Janeiro, com muitas especificidades, mas também uma série de agendas em comum em um momento político de afirmação da política de segurança pública marcada fortemente pelas Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs (e tudo que daí deriva, como a concentração de projetos e ações sociais, governamentais e não governamentais, em favelas “pacificadas”)⁷ e pelos megaeventos (sobretudo, Copa do Mundo e Olimpíadas) que redefine a cidade e suas políticas a partir da “necessidade” de se preparar para tais eventos (o que inclui uma agenda de ações reconhecidas pelos(as) moradores(as) de favelas e movimentos sociais como “remoções”, ou seja, o deslocamento de parte dos(as) moradores ou de favelas inteiras para outros locais – seja nas proximidades da ocupação original, seja em áreas periféricas da cidade – e, em geral, de menos prestígio social e econômico, para dar lugar a obras de valorização do local, preparação para equipamentos públicos ou privados ou a partir da percepção de que seriam regiões de “risco” ambiental ou para própria população).

O trabalho de campo foi, portanto, realizado em um momento em que, por conta das temáticas anteriormente delineadas, as favelas encontram-se fortemente presentes na agenda e no debate público,

8. A noção de “nativo digital” nos foi apresentada em uma de nossas conversas preliminares para definição dos casos pela jornalista do Ibase e mestranda em Comunicação Social (ECO/UFRJ) Natalia Mazzote. Ela fazia referência àquelas pessoas que já nasceram em uma época em que computadores e Internet já faziam parte da realidade social, diferente de outras (como a pesquisadora deste estudo de caso) que nasceram antes da popularização de computadores e da invenção da Internet. De acordo com Wikipédia, “Um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência. Tecnologias como videogames, Internet, telefone celular, MP3, iPod, etc. (...) No sentido mais amplo, refere-se a pessoas nascidas a partir da década de 80 e mais tarde, na Era da Informação que teve início nesta década. Geralmente, o termo foca sobre aqueles que cresceram com a tecnologia do século 21”. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Nativo_digital). Essa caracterização remete também a Castells (2007), quando cunha o conceito de tecnossociabilidade para pensar as tecnologias da comunicação como “contextos, condições ambientais que tornam possível novas maneiras de ser, novas correntes de valores e novas sensibilidades sobre o tempo, o espaço os acontecimentos culturais”, o que talvez se dê com maior força entre aqueles(as) que nasceram já dentro deste contexto (e que, ao contrário dos mais velhos, não precisaram se adaptar a ele).

ainda como *locus* privilegiado da violência urbana e como alvo de políticas variadas que, em seus discursos, pretendem incluir as favelas ao restante da cidade social e economicamente. Por outro lado, trata-se de momento que antecedeu as eleições municipais (para prefeito, cargo máximo do Executivo municipal; e vereadores, representantes parlamentares em esfera municipal), o que nos possibilitou encontrar traços da militância de alguns(mas) entrevistados(as) reincorporados por posicionamentos político-partidários (ainda que nenhum(a) deles(as) seja filiado a partidos políticos).

O levantamento na Internet foi realizado a partir de visita regular aos *blogs* e *sites* e acompanhamento dos perfis no Facebook e no Twitter (redes sociais virtuais mais comuns entre os(as) jovens pesquisados). Buscou-se observar o perfil do material divulgado – seja no que se refira a texto, seja no que se refira a imagens –, bem como quantidade de acessos, compartilhamentos etc.

Como já foi dito anteriormente, boa parte do processo de agendamento das entrevistas foi realizado pelo Facebook e *e-mail*. Em alguns momentos, o SMS de celular foi utilizado para confirmar o local da entrevista ou informar sobre atrasos ou reagendamentos. É importante, portanto, considerar que estamos estudando uma realidade em que a pesquisadora encontra-se fortemente implicada (ainda que não seja uma “nativa digital”⁸, faz uso quase que cotidiano de celular, torpedos, *e-mail* e Facebook, mesmo para circular informações em torno da militância pessoal e de ações e atividades institucionais), compartilhando dos usos dessas tecnologias, até para as finalidades aqui investigadas (mobilização social, denúncias etc.). Isso fez com que o contato via Facebook com os(as) entrevistados(as) (muitas vezes anterior à própria entrevista) pudesse ser reforçado, em alguns casos, graças ao compartilhamento entre pesquisadora e pesquisados(as) de certos interesses e temáticas próprias a um certo “*ethos* militante”.

OS ENTREVISTADOS(AS) E SUA INSERÇÃO NO “MUNDO VIRTUAL”: QUEM SÃO E O QUE CRIAM

9. A antropóloga e especialista em juventude, Regina Reyes Novaes, lança mão da noção de “experiência geracional inédita” para ajudar a compreender o fenômeno da juventude e a realidade dos(as) jovens em nossa sociedade. Segundo ela, “houve uma ampliação de agências socializadoras da juventude que extrapolam o âmbito familiar e da escola, implicam o aumento do espaço de influência dos meios de comunicação e a presença da Internet. A inovação tecnológica tem aproximado jovens de mundos diferentes. (...) Por outro lado, outra rede internacional – a do chamado narcotráfico – também interfere no ‘estar no mundo’ dos jovens de hoje. (...) como vive nesta geração, ele convive com os efeitos desse ‘grande negócio lucrativo’ e, também, com as consequências das políticas de proibição que produzem efeitos perversos nas áreas pobres das cidades, combinando-se com a corrupção e a violência policial” (NOVAES, 2006, p.119/120).

10. Mais uma vez, Novaes chama a atenção para o lugar simbólico do “lugar de moradia” entre os preconceitos vividos por jovens nas grandes cidades: “Para as gerações passadas, esse critério poderia ser apenas uma expressão da estratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe. Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia – chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjuntos habitacionais, comunidades. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e a ‘discriminação por endereço.’” (2006, p. 106)

Um dos instrumentos de coleta de informações mais importantes utilizados por nós neste estudo de caso foram as entrevistas presenciais. Inicialmente, fizemos conversas informais com pessoas com grande inserção no tema (a partir de nossa percepção inicial de que a favela era algo tematizado por algumas iniciativas ligadas a jovens na Internet). Apesar de não terem sido gravadas, devemos mencionar, sobretudo, as contribuições de Fransergio Goulart, Diego Santos, Juliana Farias, Mayra Jucá e Marcus Faustini como essenciais para definição do estudo aqui apresentado.

A partir da definição do tema geral do caso, iniciamos as entrevistas com pessoas que haviam sido indicadas durante as conversas iniciais. Como já foi dito, a partir da indicação, buscamos seus *blogs*, *sites* e perfis na Internet antes de realizarmos as entrevistas. Sendo assim, estabelecemos com todos os entrevistados um contato preliminar a partir do Facebook e, em quase todos os casos, em seguida, por telefone.

Dentre os(as) 13 entrevistados(as), nove eram do sexo masculino e apenas três do sexo feminino. Do total de entrevistados(as), estamos definindo apenas 11 como jovens. Não estamos, no entanto, utilizando uma faixa etária prefixada na definição de juventude. O intervalo etário dos(as) jovens entrevistados(as) é bastante extenso e vai dos 18 aos 33 anos (três dos entrevistados que estamos considerando jovens tinham, portanto, mais de 30 anos), não estando, assim, circunscritos ao que é estabelecido como juventude pela Unesco (até 24 anos) ou pelo Governo brasileiro (até 29 anos). O fato de se tratarem de pessoas jovens fez parte da hipótese inicial da pesquisa, no entanto, ao longo do trabalho de campo, certas características geracionais comuns⁹ tiveram mais relevância do que uma faixa etária predeterminada. Mais ainda, quando, de modo geral, a identidade juvenil não se mostrou, ao longo das entrevistas e de pesquisa *online*, relevante para suas ações ou na produção de seus discursos sobre militância, ativismo ou trabalho social. Ainda que boa parte deles possa ser considerada jovem, é interessante notar, portanto, que a construção de certa identidade juvenil não está em jogo neste caso. Não há a preocupação em demarcar uma diferença com relação a outra geração, por exemplo, ou um certo modo de ser jovem nas favelas. Se há um aspecto relativo à identidade, ele está relacionado ao local de moradia, à favela, ao fato de serem moradores de favelas da cidade e de construírem seu discurso público a partir deste lugar¹⁰ (isso não quer dizer, no entanto, que determinadas práticas comumente associadas ao mundo juvenil não estejam presentes em seus perfis ou *blogs* ou, ainda, que não haja traços geracionais que compartilhem com tantas outras pessoas da mesma geração, só que este não é o centro do debate aberto por eles).

Ao final das entrevistas, pedimos que cada um(a) dos(as) que estavam sendo considerados(as) jovens (ou seja, todos, excetuando os

dois que não viviam em favelas e que eram coordenadores de iniciativas) preenchesse um pequeno questionário com 22 questões para que fosse possível traçarmos um perfil um pouco mais preciso de nossos(as) entrevistados(as). Além da faixa etária, outras informações relevantes podem ser aqui destacadas como, por exemplo, o fato de todos(as) se considerarem pretos ou pardos, fazendo parte do que é definido no Brasil pelo IBGE como negros. Além disso, todos se declararam heterossexuais. Apenas três deles estavam casados ou vivendo junto no momento da entrevista, sendo que quatro deles tinham filhos.

No que se refere à religião, cinco deles se declararam protestantes ou evangélicos e dois disseram ser católicos. Entre os quatro restantes, dois disseram ter fé, mas não ter religião e os outros dois disseram não ter religião (ateu ou agnóstico). Interessante notar que, ao longo das entrevistas, a religião apareceu com certa relevância em três casos, todos eles protestantes/ evangélicos. E, no caso de dois deles, a religião apareceu com certa relevância também na Internet (uma delas possui um *blog* mais amplo, mas que também comporta mensagens religiosas, ainda que não seja o assunto principal, e outro possuía até pouco tempo um *blog* voltado para sua atuação religiosa e usa seu perfil no Facebook para divulgar atividades que organiza dentro de sua Igreja e grupo religioso com bastante regularidade, sendo um dos assuntos mais divulgados por ele neste espaço. Interessante notar que ele não se percebe como militante de sua religião, diz que sempre viveu a religião).

Quanto ao fato de sempre terem morado ou não em favela, seis deles nasceram e moraram a vida toda na mesma comunidade. Três dos entrevistados vivenciaram, de diferentes formas, experiências de imigração para o Rio de Janeiro, vindo morar em favelas. Outros dois nasceram em outras partes da cidade e vieram morar em favelas. Essas informações são relevantes visto que permitem pensar de que forma se constroem vínculos de identidade com o território em um contexto de militância, ativismo ou trabalho social, em que se dá um peso significativo ao fato de ter sido “nascido e criado” (expressão utilizada por alguns durante as entrevistas) na mesma favela.

No que se refere à educação formal, quatro deles tinham graduação completa (todos na área de Comunicação Social, sendo três deles em Jornalismo), um deles estava cursando Ciências Sociais (em vias de conclusão) e um deles havia cursado Teatro, mas trancado a faculdade. Três dos entrevistados tinham ensino médio incompleto e uma delas, ensino médio completo. A escola se destacou como espaço importante de socialização e de construção de sua militância/ativismo para quase metade dos(as) entrevistados(as), como ficou evidente durante as entrevistas. Cinco deles disseram ter tido experiências relevantes na escola para construção de sua militância/ativismo ou de seus projetos futuros: dois deles participaram de grêmios ou de mobilizações para

criação deste espaço; um foi responsável pelo jornal da escola; outro formou um grupo teatral na escola (onde também disse ter iniciado discussões sobre política e sociedade) e a última contou que, quando passou a frequentar uma escola em uma área central da cidade onde vivia, sua experiência como moradora da mesma também mudou.

Dez dos 11 entrevistados(as) disseram estar trabalhando no momento da entrevista, ou seja, independentemente da idade ou do grau de escolaridade, a faixa que estamos considerando como jovem diz respeito a uma idade em que, nessas localidades, o trabalho se traduz como um imperativo. O interessante neste ponto é que, para diversos deles (oito), o trabalho que realizam se articula a sua experiência como militante/ativista e/ou a inserções anteriores em organizações sociais. Sendo assim, é possível dizer que esses realizam “trabalho social” ou associam seu ativismo/militância ao trabalho que realizam, tendo sido indicados para suas funções a partir da inserção em determinados grupos/ONGs ou sendo mesmo remunerados pelo trabalho que já realizavam de forma voluntária ou como engajamento político/social nos grupos que ajudaram a formar.

Outro dado interessante é que há uma variação de renda bastante grande entre os(as) entrevistados(as), o que nos ajuda a perceber a diversidade econômica já apontada inicialmente existente hoje nas favelas, sobretudo naquelas mais próximas de áreas centrais ou de bairros valorizados da cidade. Dos que disseram estar trabalhando, dois preferiram não declarar o salário no último mês. Entre os que declararam, quatro receberam de R\$ 800 a R\$ 1.300; uma, R\$ 2 mil e três de R\$ 2.500 a R\$ 3 mil. A renda familiar declarada também variou significativamente: três deles disseram ter renda familiar de R\$ 623 a R\$ 1 mil; dois deles de R\$ 1.001 a R\$ 2 mil ; dois de R\$ 2.001 a R\$ 3 mil; dois de R\$ 3.001 a R\$ 4 mil; um de R\$ 4.001 a R\$ 6 mil; e um mais de R\$ 6 mil.

A última parte do questionário se referia a questões que buscavam conhecer o uso da Internet entre eles. Dez disseram usar muito a Internet e apenas um disse utilizá-la mais ou menos. A maior parte deles afirmou utilizar um grande número de meios para promover ou divulgar alguma causa ou direito. Os mais comuns foram panfletos e cartazes, *e-mail*, postagem em *blogs*, redes sociais e YouTube. Ainda assim, seis deles disseram utilizar o celular para envio de torpedo com o mesmo objetivo. Uma das pessoas fez questão de marcar a opção Outros e escrever “pessoalmente” se referindo a uma prática específica nesse processo. O que, aliado às entrevistas, ajuda a demonstrar que esses jovens não apostam todas as suas fichas nas NTICs, mas utilizam os meios disponíveis quando estão envolvidos em atividades de mobilização e divulgação, mesmo aqueles que dispõem de Internet.

Quando perguntados sobre que ferramenta mais utilizam para lutar por seus direitos na Internet, Facebook, Twitter e YouTube apareceram

11. Alguns deles disseram ter “NETgato” ou compartilhar o plano com um vizinho, por exemplo. Diversas vezes, alguns dos entrevistados compartilharam mensagens no Facebook reclamando da qualidade de sua conexão. Em seu texto sobre novas tecnologias e mobilização social, Leonardo Name nos lembra que “Ter acesso à internet depende, afinal, de uma infraestrutura que, no caráter de rede técnica, pouco difere de outras como a viária, de água, esgoto ou drenagem: é formada também por uma trama de nós e linhas, pela qual é possibilitada a circulação de algo que se quer distribuir. Mas diferente daquelas mais usuais, as redes técnicas que dão suporte às NTIC têm componentes geralmente muito pequenos e leves, usualmente escondidos da visão do público, como no caso dos cabos de fibra ótica, as salas de servidores e os cabos enterrados debaixo das estradas ou correndo por dentro das paredes e sob os pisos” (NAME, 2012).

12. De acordo com notícia publicada pelo jornal O Globo (6/11/12), “A distribuição de classes econômicas mudou radicalmente nas favelas cariocas entre 2001 e 2011. Enquanto a proporção de moradores da classe C passou de 29% para 66%, o número de pessoas que pertencem à classe D caiu de 59% para 20%. (...) um levantamento feito pelo Instituto Data Popular, com base em entrevistas em cinco comunidades e dados do IBGE, mostra ainda que, no mesmo período, os representantes da classe AB — com renda familiar a partir de R\$ 4.345 — passaram de 1% da população das favelas cariocas para 13%”. <http://oglobo.globo.com/rio/classe-nas-favelas-cresceu-6643728#ixzz2CE3AD56v>

na maior parte dos casos. Apenas uma pessoa marcou, com outras opções, também o Orkut. Um deles também marcou Flickr, Google+, Foursquare, Instagram, MSN, Google Talk e Skype, além de Facebook e Twitter, e outro marcou apenas Flickr e Google+, além de Facebook e Twitter. Uma última marcou também Google+ e Google Talk, além de Facebook, Twitter e YouTube.

E, por último, ao responderem de quais locais normalmente acessam a Internet, a maioria marcou mais de uma opção. Apenas uma pessoa disse ser do computador desktop de casa. Para seis deles, o computador de casa se combina ao do trabalho, *laptop*, celular, *tablet* e, até mesmo, *lan house* (em um caso). Em apenas dois casos, o computador de casa não aparece: em um deles aparece *laptop* e celular e, no outro, computador do trabalho, da escola/ universidade, *lan house*, *laptop* e celular. Cinco pessoas marcaram o celular como um dos locais dos quais normalmente acessam a Internet, sendo que, entre três delas, trata-se do meio pelo qual acessa com maior frequência (em pelo menos três entrevistas, os jovens acessavam constantemente a Internet, dois deles via celular). Sobre o local que acessa com mais frequência: dois apontaram celular/*tablet* ou *notebook*, um do computador do trabalho, dois que seria do computador de casa e dois que seria dos computadores de casa e do trabalho.

Interessante notar também que, durante as entrevistas, vários deles (sobretudo, os mais novos) disseram ter computador e Internet em casa com plano da NET, Velox e planos semelhantes de empresas que oferecem o serviço até mesmo nesses territórios¹¹. Alguns deles, no entanto, contaram que começaram a ter acesso em *lan houses*, em suas escolas ou em ONGs. É preciso reconhecer, portanto, que para que o local prioritário de acesso deixe de ser *lan house* e escola, para essas pessoas, e passem a ser suas casas, celulares, *tablets* (e computadores nos locais de trabalho), houve também uma mudança com a expansão da dita “classe C”¹² e a chegada de novos serviços prestados por empresas, não pelo reconhecimento de que se trata de um direito a ser distribuído, mas a partir da percepção da expansão de um mercado consumidor.

Resumindo, ainda que sejam moradores de favelas (e nossa definição de “jovem pobre” se relaciona ao local de moradia e não à renda), são jovens, em sua maioria, mais velhos (e alguns nem seria mais considerados jovens se considerados coortes etários oficiais), muito escolarizados (a maioria havia terminado o ensino superior) e com claros interesses na comunicação, seja por escolhas profissionais (jornalistas, publicitários, fotógrafos), seja como estratégia de militância (produção de vídeos, fotografias, textos etc.). E, na maior parte das vezes, pelos dois motivos.

Mas em que a produção desses jovens na Internet se destaca no que se refere à produção de um certo discurso sobre a favela? Na verdade, poderíamos dizer que a diversidade em termos de perfil social dessas

peças também se expressa por meio de estratégias diferenciadas para se falar da favela. Ainda que o conceito de liderança seja complicado, pode-se dizer que se tratam de pessoas que se constituem (também de múltiplas maneiras) como referências em suas favelas, seja por sua inserção social e/ou política, seja mesmo por serem responsáveis pela produção de um discurso positivo e/ou crítico acerca de seu local de moradia e, neste sentido, o papel das Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (e, sobretudo, a Internet) vem se tornando central.

Vejam, então, a seguir, brevemente, o universo relacionado à favela a que se associam essas pessoas no “mundo virtual”.

- **BLOG O COTIDIANO**¹³ – O *blog* é de Francisco Valdean, estudante de Ciências Sociais, morador da Maré, ligado ao Imagens do Povo/ Observatório de Favelas e se define da seguinte maneira “O Blog O Cotidiano aborda assuntos relativos à vida cotidiana da cidade do Rio de Janeiro, em especial, assuntos relativos às favelas cariocas, mas não espere vê aqui uma favela pela ótica da violência”. Trabalha a partir de imagens (fotográficas) do próprio Valdean (em geral) e pequenos textos. Existe desde 2007, e é um *blog* esteticamente sofisticado. Em 2011, segundo informações disponíveis no próprio *blog*, teve mais de 24 mil visitas. Tendo sido indicado ao prêmio TopBlog mais de uma vez.
- **VIVA FAVELA**¹⁴ – Iniciativa da ONG carioca Viva Rio que existe desde 2001 em outro formato (hoje, o *site* intitula-se “Viva Favela 2.0 – A sua comunidade na Internet”) e possui uma equipe de profissionais remunerados responsáveis pelo projeto, que possui iniciativas que extrapolam o *site* (oficinas, por exemplo). É pioneiro no trabalho com pessoas moradoras de favelas produzindo conteúdo próprio sobre sua realidade para ser divulgado por um portal de notícias na Internet. De acordo com informações disponíveis no *site* hoje, são 1,7 mil usuários cadastrados e mais de 200 correspondentes ativos produzindo e compartilhando conteúdo. Produzem também uma revista multimídia colaborativa distribuída para mais de 15 mil assinantes. Sua proposta é definida no *site* como sendo de “integração social e inclusão digital”. Nas palavras do *site*, “Na internet, é um *site* colaborativo cujo conteúdo é produzido por correspondentes comunitários, que são comunicadores moradores de favelas e periferias urbanas do país. Fora da *web*, o projeto oferece também oficinas para a formação de correspondentes multimídia”. Uma das coordenadoras do Viva Favela foi entrevistada e alguns dos jovens (três) disseram estar cadastrados como correspondentes, mas apenas uma delas têm um papel mais ativo, contribuindo, até mesmo, com a revista multimídia que remunera os envolvidos pelas matérias produzidas.

13. <http://www.ocotidiano.com.br/>

14. <http://www.vivafavela.com.br/>

- **O CIDADÃO**¹⁵ – Um dos projetos da ONG Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm), que nasceu como um jornal comunitário impresso distribuído na favela da Maré. O jornal tem tiragem de 20 mil exemplares, mas atualmente sofre com a falta de recursos para sua produção impressa. Sendo assim, o *blog* torna-se o meio possível para que se continue a produzir e publicar notícias. O *blog* existe desde 2009, e, de acordo com dado disponível no *blog* (contador de visitas), recebeu cerca de 250 visitas e contabiliza 128 seguidores. Divulga diferentes notícias sobre acontecimentos da Maré e relativos a direitos humanos diversos (a partir da rede de seus colaboradores, redatores). Uma das jovens entrevistadas é responsável pelo jornal e pelo *blog*.
- **CORRESPONDENTES DA PAZ**¹⁶ – Trata-se de um “projeto social” que nasceu vinculado a uma política de segurança pública no estado do Rio de Janeiro (UPP/Unidade de Polícia Pacificadora), para que os jovens contassem o processo de pacificação a partir de seus pontos de vista. Não há informações precisas sobre o início do *blog*, mas, a partir da postagem mais antiga, é possível presumir que existe desde 2011 (ainda que a primeira UPP tenha sido inaugurada no final de 2008). Define-se da seguinte maneira: “O projeto Correspondentes da Paz tem por objetivo criar um canal de informação e intercâmbio de oportunidades entre os jovens moradores das favelas e a cidade do Rio de Janeiro de modo mais amplo. A ideia é constituir-se como um ambiente colaborativo de livre expressão e negociação. Atualmente experimentamos a aposta em um novo modelo de Segurança Pública, que promove a aproximação entre a população e a polícia, aliada ao fortalecimento de políticas sociais nas comunidades. Por isso, o momento é propício para estabelecer novos diálogos, fortalecer a comunicação entre os mais variados segmentos da sociedade e pensar em mudanças que tragam melhorias e oportunidades para todos”. Não há dados disponíveis sobre o número de acessos, mas 188 pessoas curtiram o *blog*. Os textos são bastante variados e não são restritos à realidade dos(as) jovens como moradores de favelas, mas ao seu cotidiano, à memória etc. de forma mais ampla. Foi possível entrevistar um dos coordenadores da iniciativa e uma das jovens envolvida como correspondente.
- **BLOGSPOCC (ESCOLA POPULAR DE COMUNICAÇÃO CRÍTICA DO OBSERVATÓRIO DE FAVELAS)**¹⁷ – Espaço de produção textual e fotográfica dos alunos da ESPOCC. Faz parte do *site* institucional da escola e não há informações específicas disponíveis sobre o *blog*. Os temas encontrados são os temas relacionados à escola e à formação dos participantes, boa parte deles moradores de favelas e

15. <http://ocidadaonline.blogspot.com.br/>

16. <http://www.correspondentesdapaz.com.br/>

17. <http://www.espocc.org.br/?cat=5>

periferias. Além disso, a relação favela e cidade é um tema central dos projetos do Observatório de Favelas (cuja sede fica na favela da Maré). No Facebook, mais de 900 pessoas curtem a ESPOCC (*link* fica visível no *blog*) e sua postagem mais antiga é do fim de 2010. O atual coordenador da ESPOCC foi entrevistado e uma das jovens entrevistadas faz curso lá e participa de iniciativas ligadas ao Observatório. Outro dos entrevistados também tem ligação com a escola, sendo professor.

- **(IN)VISÍVEIS¹⁸** – *Blog* pessoal de Thamyra Thamara, formada em Jornalismo, cursando a ESPOCC e atualmente moradora do Complexo do Alemão. O *blog* existe desde sua vinda para o Rio de Janeiro (ela vivia em Brasília), em março de 2009, e as imagens fotografadas e filmadas por ela, nas quais a favela e seus moradores têm centralidade, têm destaque no *blog*. Matérias que ela produz para outros *sites* e *blogs* também são reproduzidas no seu, mas também há espaço para produção específica e nem sempre jornalística, como poemas, crônicas e pensamentos. Define-se como “uma mídia alternativa dando voz a quem não tem”. Não há informações sobre o número de acessos.
- **FAVELA DA ROCINHA¹⁹** – Trata-se de *site* bastante estruturado, que existe desde 2006. Foi desenvolvido por estudantes de Jornalismo, conta com anunciantes e uma equipe responsável. Estruturado nas seguintes seções: Na Rocinha, Saúde, Educação, Esporte, Cultura, Mulher e Tecnologia. Uma das entrevistadas, mesmo não sendo moradora da Rocinha, é colunista do *site* na seção Mulher e foi ela quem fez menção ao *site* em sua entrevista. Não há disponível informação sobre o número de acessos ao *site*.
- **INSTITUTO RAÍZES EM MOVIMENTO²⁰** – De 2008 a 2012, o Raízes teve um *blog* “institucional”²¹ por meio do qual divulgava suas ações e seus projetos, além de noticiar eventos, atividades e ações relacionadas ao Complexo do Alemão e a temas de seu interesse. Não há dados disponíveis sobre números de acesso, mas havia 63 pessoas constando como membros do *blog*. Em agosto de 2012, o *blog* “migrou” para um *site* que manteve a lógica do *blog*, ou seja, uma parte institucional, mas também uma seção dedicada a notícias variadas. Também não há número de acessos disponível, mas há 290 “like” ao Instituto Raízes em Movimento via Facebook.
- **BLOG MAYCOM BRUM²²** – Um dos responsáveis pelo *site* do Raízes em Movimento possui um *blog* pessoal em que escreve e veicula imagens sobretudo sobre o Complexo do Alemão. O *blog* cobre o período de 2010 a 2012 com poucas postagens, quase todas elas acompanhadas de imagens fotográficas. É interessante porque,

18. <http://thamyrathamara.blogspot.com.br/>

19. <http://thamyrathamara.blogspot.com.br/>

20. <http://www.raizesemmovimento.org.br/>

21. <http://raizesemmovimento.blogspot.com.br/>

22. <http://mbfotografo.blogspot.com.br/>

ainda que com relatos pontuais, ele cobre um período de intensas mudanças na favela, com entrada de obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), evidenciando, de forma bastante crítica, as mudanças físicas e sociais pelas quais vem passando o Alemão nos últimos anos. Trata-se de um conteúdo voltado para denúncia sobre ações mal-sucedidas do poder público, do ponto de vista de seu autor, seja na área de infraestrutura, segurança pública, saneamento, meio ambiente, participação e ação social nas favelas. Seu contador revela mais de 3.600 acessos.

- **BLOG DO DAVID AMEM²³** – O *blog* existe desde 2008 e é atualizado com bastante regularidade. É um espaço pessoal, profissional, social e político de David, que tem centralidade no grafite como expressão política e cultural. Como grande parte de sua produção e vivência se dá no Complexo do Alemão, boa parte do que é veiculado no *blog* tem como foco privilegiado este lugar, sobretudo a partir de atividades culturais e artísticas, já que David é grafiteiro há muitos anos. A maior parte do que é compartilhado no *blog* faz parte da produção artística, profissional e/ou de militância de David. Não há contador visível, mas o *blog* possui 17 pessoas como membros.
- **VISÃO DA FAVELA BRASIL²⁴** – O *blog* existe desde 2007 e traz notícias associadas ao Repper Fiell, que parece ser o responsável por sua atualização (o lançamento de seu livro – que tem o mesmo nome do *blog*, eventos dos quais participa, seu trabalho como *repper* e atividades de militância nas quais se encontra envolvido), além disso, traz notícias e textos sobre o Santa Marta e, para além dele, sobre cultura, urbanização, remoção possuindo visão bastante crítica a ações do poder público no local. Não há contador visível, mas há 226 pessoas curtindo o Visão da Favela via Facebook.
- **BLOG NOSSA OPINIÃO²⁵** – De acordo com Juan Souza, um dos responsáveis pela página, esse *blog* foi construído como uma espécie de “trabalho final” de um curso dado por ele para jovens do Santa Marta sobre Internet (Navegar é preciso). Ele existe desde 2011 e conta com 19 membros inscritos. Suas postagens são quase que exclusivamente sobre ações e atividades relacionadas ao Santa Marta, indo desde ações comunitárias e políticas sobre cultura, remoção, lixo e urbanização, até “anúncios” de comerciantes locais. Boa parte das notícias relata atividades do Grupo Eco, promotor do curso que gerou o *blog*, e suas atividades, como a Colônia de Férias que organiza anualmente. Há também um *link* específico para a Folia de Reis que ocorre na favela e com a qual o Grupo Eco é bastante envolvido. Não há contador de acessos visível no *blog*.

23. <http://daviamen.blogspot.com.br/>

24. <http://www.visaodafavelabrasil.com.br/>

25. <http://blognossaopiniaio.blogspot.com.br/>

- **RÁDIO COMUNITÁRIA SANTA MARTA²⁶** – Site dedicado à rádio com sua história, programação, mecanismo de transmissão, *links* para mídias sociais e contato, além de filmes relacionados (postados via Youtube). No Facebook mais de 1.300 pessoas curtem a página relacionada da rádio. De acordo com o Repper Fiell em sua entrevista, ele é o principal responsável por alimentar o *site* e as mídias relacionadas à rádio. A rádio, no entanto, é produzida por representantes de distintos grupos do Santa Marta. Desde maio de 2011, não está funcionando, por determinação da Anatel e Polícia Federal.
- **BLOG DO RENÉ SILVA SANTOS²⁷** – O *blog* existe desde 2010 (data da postagem mais antiga) e parece não estar mais funcionando. Conta com textos do autor sobre acontecimentos no Complexo do Alemão, mas também com notícias de outros meios de comunicação sobre o seu trabalho social na favela, o Voz das Comunidades, e outros assuntos vinculados à sua vida. Não há contabilização visível do número de acessos ao *blog* que, atualmente, não possui uma atualização frequente, mas, de acordo com dados disponibilizados por René no *blog*, em novembro de 2011, ele tinha 23.900 seguidores no seu Twitter pessoal e 66.300 pessoas acompanhavam o Twitter do Voz da Comunidade.
- **PORTAL DAS COMUNIDADES²⁸** – Site bastante estruturado, com muitos patrocínios/ anunciantes. Não há informações sobre data de criação ou número de acessos, mas cerca de 6.250 pessoas o curtiam via Facebook. Organizado a partir de diversas seções (Home, Complexo+Limpo, Notícias (separado por comunidade: Complexo do Alemão, Rocinha, Santa Marta, Vigário Geral, Vila Cruzeiro, Maguinhos, Maré e Geral), Esportes, Colunas (Curiosidades e Poesia nas Velas), Lazer, Vídeos, Contatos), tem atualização diária no que diz respeito a notícias relacionadas ao Complexo do Alemão e variação bastante grande com relação às outras favelas. As notícias vão desde textos com conteúdo próprio, a partir dos temas nos quais está dividido, até a repercussão de notícias de outros meios (incluindo da grande mídia), passando por muitos “serviços” de atividades culturais.
- **OS ARTEIROS²⁹** – Site institucional ligado a um projeto de teatro e música liderado por moradores da Cidade de Deus. Site com perfil bastante profissional, imagens fotográficas profissionais de cenas dos espetáculos realizados e também dos componentes e alunos participantes. Possui um *blog* associado³⁰ que parece ter dado origem ao *site* que também preza pela qualidade das imagens. Tratam-se de dois veículos institucionais do grupo, a fim de divulgar seu trabalho, não há centralidade específica no local de origem do grupo.

26. <http://www.radiosantamarta.com.br>

27. <http://renesilvasantos.blogspot.com.br/>

28. <http://www.vozdascomunidades.com.br/>

29. <http://osarteiros.org/>

30. <http://gruposarteiros.blogspot.com.br/>

A partir desse breve quadro de *blogs* e *sites* relacionados aos entrevistados, podemos pensar em, ao menos, quatro possibilidades para classificá-los a fim de reconhecer suas características mais marcantes. Em primeiro lugar, poderíamos pensar em *blogs* **Pessoais**, ou seja, *blogs* nos quais um indivíduo se utiliza dessa ferramenta para expor suas opiniões e ideias, seja sobre um tema específico, seja sobre diversos, por meio de textos, imagens, filmes e outros recursos disponíveis. Em muitos casos, essa expressão mais livre de ideias se conecta com uma apresentação de seu trabalho profissional que, em muitos deles, está articulado ao tipo de militância e à ação social que realizam. Em outros casos, nos quais a favela não é tema central, o *blog* acaba servindo como modo de expressão de alguma inserção por parte dessas pessoas caso, por exemplo, de um dos jovens que contou ter um *site* em que fala da sua religião ou outro que disse ter tido um *blog* de poesias. Entre aqueles descritos anteriormente, poderíamos agregar nesta classificação o *blog* O Cotidiano (de Valdean), o (IN)Visíveis (de Thamyra Thamara), e os *blogs* de Maycom Brum, Davi Amen e René Silva.

Outro possível característica que nos dá pistas sobre o universo pesquisado seriam os *blogs* ou *sites* **Institucionais**. Tratam-se de espaços usados, sobretudo, para falar sobre determinada iniciativa, suas ações e temas com as quais está envolvida. Ainda que muitas vezes esses *blogs* e *sites* tenham espaços para notícias, notas ou outros textos mais dinâmicos (e não só uma apresentação institucional permanente e fixa), sua natureza é informar sobre grupos e instituições. Esse seria o caso, dentre aqueles listados anteriormente, do *site* do Raízes em Movimento, Visões da Favela, BLOGESPOCC e Os Arteiros.

Uma terceira classificação agrega mais alguns *sites* que poderiam ser nomeados como **Correspondentes Comunitários**. Tratam-se, sobretudo, de *sites* que agregam informações sobre diferentes favelas a partir do ponto de vista de seus moradores, sobretudo jovens. Para tanto, utilizam-se da figura do “correspondente comunitário ou local”, que não precisa ser uma pessoa com formação jornalística ou em Comunicação, mas que é capaz de narrar, de seu ponto de vista, por meio de textos, imagens e vídeos, os acontecimentos, o cotidiano, de seu local de moradia. Esse tipo de *site* parece exigir certa institucionalização daqueles que são responsáveis por seu gerenciamento e, seja da iniciativa privada, da cooperação internacional ou de outras fontes financeiras públicas, esses *sites* e portais contam com recursos financeiros que viabilizam uma estrutura mínima de pessoas para gerenciá-los. Aqui, os exemplos são Viva Favela, Correspondentes da Paz e Voz das Comunidades. Interessante indicar que esse formato pode ter servido de inspiração para outras iniciativas que, mesmo não tendo como meio preferencial a Internet, utiliza-se de outros aspectos das NTICs (como a popularização de equipamentos como câmaras) para

transformar os moradores (sobretudo, jovens) em repórteres locais. Esse é o caso do Parceiros do RJ³¹, iniciativa vinculada ao jornal local da Rede Globo, o RJ TV, que utiliza moradores de bairros e favelas do Rio de Janeiro para produzirem matérias a partir de seu ponto de vista, sendo eles contratados temporários da emissora.

E, por último, temos aqueles *blogs* e *sites* que poderiam ser tratados como reflexo de um movimento mais amplo de **Comunicação Comunitária**. Ainda que nem sempre disponham de um outro veículo associado (como jornais impressos ou programas de rádio), esses *sites* têm como característica a produção de informação a partir do ponto de vista de moradores de dada comunidade ou favela, em geral associado a um coletivo de pessoas e não de apenas um(a) responsável. Esse seria o caso de O Cidadão e do Favela da Rocinha. No entanto, ao contrário das mídias comunitárias tradicionais, *sites* e *blogs* não têm seu acesso restrito a uma localidade pelo alcance da transmissão radiofônica ou pela possibilidade da tiragem de determinado jornal impresso, por exemplo. O alcance e o “público potencial” da informação veiculada pela Internet altera também a natureza do que é tradicionalmente entendido como comunitário, uma vez que falar da “comunidade” para a “comunidade” é uma das suas características. Além disso, muitas vezes, o uso da Internet pode acabar sendo um “substituto” dos meios comunitários tradicionais, mascarando importantes contradições e disputas (mesmo ideológicas) que a comunicação comunitária contribui para pautar na sociedade, como o monopólio dos grandes meios de comunicação ou os marcos regulatórios que restringem as concessões às rádios comunitárias³². Além disso, é preciso lembrar que as plataformas para criação de *blogs* e redes sociais mais populares são propriedade de pessoas e empresas que buscam criar limitações e constrangimentos para seus usos, ainda que haja uma pretensa sensação de liberdade, já que poucos se lembram dos contratos assinados virtualmente para que se tenha acesso a tais ferramentas. Muitos deles delimitam, mesmo, a autoria de quem escreve ou veicula imagens autorais nesses espaços, cedendo seus direitos para ditas empresas. Isso não significa, no entanto, que não haja certa margem de manobra na apropriação de tais espaços e ferramentas.

É preciso ter em mente, no entanto, que caracterizações aqui apresentadas servem apenas para ajudar a delimitar nosso olhar sobre a realidade em questão, que é sempre bem mais complexa do que nossa capacidade de apreendê-la. Sendo assim, haveriam outras maneiras de classificar os *blogs* e *sites* em questão, a partir dessas mesmas (ou de outras) classificações. Alguns exemplos: o *blog* O Cidadão facilmente poderia ser percebido como um *blog* de comunicação comunitária, ainda que ele não produza e divulgue apenas informações de uma favela ou comunidade, se pensarmos que, em geral, a mídia comunitária está

31. <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/>

32. O debate sobre a relação entre meios de comunicação comunitários e Internet certamente é mais amplo e denso. Ainda assim, agradeço especialmente a Francisco Valdean e ao Repper Fiell por reafirmarem sua importância, durante a oficina de devolução, que tentei recuperar em algumas linhas aqui.

33. Talvez o exemplo mais contundente a este respeito tenha aparecido na entrevista de David Amen, jornalista, coordenador do Raizes em Movimento e grafiteiro, morador do Alemão, que, ao longo da entrevista, mostrou-se bastante preocupado em desmistificar o lugar e minimizar a importância da Internet, entendendo-a como instrumento apenas: "O Facebook, excesso de informação, pra mim, não informa. Só desinforma. Entendeu? E a Internet tem feito muito isso. Uma desinformação e é uma desinformação total assim. De fazer que você se limite só àquilo. Você leu uma notícia aqui, tem gente que não abre mais notícias, não abre mais um site de notícias. Não abre mais um jornal, não corre atrás de outras informações".

34. Este fato apareceu em duas entrevistas com jovens moradores de Alemão. Um deles, Maycom Brum, contou que recebe respostas diretas de um representante do poder público ao reclamar sobre a questão do saneamento, por exemplo.

35. Este aspecto foi levantado por Francisco Valdean em sua entrevista: "Então, eu não sei exatamente, eu descobri uma coisa, isso tem uns dois anos, um dos conteúdos que chama mais público é a imagem, mas mesmo tendo essa informação, eu não investi na questão do recurso da imagem, mas mesmo tendo essa informação eu não investi nessa coisa da imagem no blog. Então assim, ela está lá, tem o mesmo peso que o texto (...)".

36. Um deles aconteceu com Thamyra Thamará, ao narrar no Facebook o encontro de uma criança que andava de bicicleta e policiais que reagiram à surpresa do menino com truculência. No entanto, durante sua entrevista, ao falar sobre o episódio, ela conta que: "É, eu cheguei a tirar foto, mas acabei nem postando. (...) Por que assim, aqui é muito complicado essas coisas assim. Eu procuro não falar tanto dessa questão, nem de polícia, nem de traficante, nem de milícia. Porque no Alemão meio que tem tudo, né (...) Porque ainda é um assunto que você não pode falar. Você não pode dizer: liberdade total. Nessa questão não tem voz, não tem liberdade, não pode falar qualquer coisa. Na verdade, procura-se nem falar". A maneira como Thamyra narrou o acontecido, como uma crônica, quase poesia, aproxima-se de outros entrevistados (como Valdean e Carolina) que buscam, na simplicidade e na crônica, uma forma de expor suas percepções e enfrentar assuntos espinhosos, como a violência policial e preconceitos, por exemplo.

associada a uma produção crítica e posicionada sobre um local ou um tema. Todos os *sites* descritos como de correspondentes comunitários poderiam ser percebidos como parte de uma comunicação comunitária de novo tipo, em que não caberia uma identidade local única, mas a divulgação centralizada de informações produzidas de forma descentralizada, seja em termos de sujeitos produtores, seja em termos de descentralização territorial. O BLOESPOCC poderia ser enquadrado como uma iniciativa associada a correspondentes comunitários, ainda que seja um *blog* intimamente ligado a uma iniciativa institucional, estando sediado no *site* da ESPOCC. Ou o *blog* Visão da Favela poderia ser entendido como pessoal já que o Repper Fiell tem centralidade na produção do conteúdo divulgado no *blog* e a "instituição" em questão é muito mais um coletivo. Enfim, os tipos apresentados inicialmente nos ajudam apenas a uma primeira aproximação de uma realidade complexa e híbrida, onde as características de um podem, sim, estar presentes em outros, sem que isso invalide a análise em questão.

O universo dos usos da Internet nesses casos vai bem além dos *blogs* e *sites*. Na verdade, em nossos dias, seria impossível pensar tais usos sem o recurso das chamadas "redes sociais". Apesar da visão crítica que aparece fortemente em algumas entrevistas (em geral, entre os entrevistados que possuem uma certa politização e uma crítica maior com relação às relações de poder, desvantagens sociais relacionadas à classe, local de moradia, raça/cor, gênero etc.)³³, todos os entrevistados possuíam perfil no Facebook e se utilizavam de recursos associados particularmente a essa rede, como a criação de páginas, de grupos fechados e abertos e, em diversos casos, associando o conteúdo de seus *blogs* ou de suas colaborações em outros *sites* e *blogs* à divulgação desse conteúdo no Facebook. O Twitter é usado por alguns, mas não tem a mesma regularidade que o Facebook, apesar de poder se constituir, em algumas ocasiões, como ferramenta bastante eficaz para se dirigirem (e serem respondidos) a alguns representantes do poder público com queixas ou questões³⁴. Além das redes sociais (e, nesse sentido, o Orkut parece ter perdido o sentido perante essas alternativas mais recentes), há também o uso bastante disseminado entre eles do Youtube e do Flickr para postagem e compartilhamento de vídeos e fotos produzidas sobre as favelas onde vivem e por onde circulam. A imagem e o vídeo têm um lugar central na produção de conteúdo tanto para *blogs* e *sites* como para as redes sociais e, por meio dessas ferramentas (Youtube e Flickr), tendo, até mesmo, em diversos casos, proeminência com relação à crítica escrita ou ao relato³⁵. Sem a imagem, mesmo os textos de denúncia parecem perder sua potência de mobilização ou indignação. Ainda que isso tenha acontecido em alguns casos³⁶.

Certamente, trata-se de uma amostra bastante aleatória de um universo muito mais amplo do qual este relatório é apenas uma



aproximação possível e sempre precária. Ao longo da nossa pesquisa, muitas outras iniciativas e pessoas surgiram, a partir dos entrevistados e da indicação de pessoas que trabalham com favela, mas não foi possível conversar com todos ou investigar mais a fundo outras iniciativas, como o jornal O Morro, do Borel; o *site* Entre sem Bater (criado a partir da ESPOCC e que trata da questão das remoções no RJ); o Descolando Ideias (outra iniciativa no Alemão que lida fortemente com Internet), para ficar apenas em alguns exemplos e fora o sem-número de iniciativas culturais e artísticas que vêm se disseminando nas favelas e que amplificam seu público e sua visibilidade por meio de *sites*, *blogs*, redes sociais e YouTube, como a Batalha do Passinho e saraus de poesia.

Além disso, tratamos aqui apenas das iniciativas nas quais ou os entrevistados são diretamente responsáveis/idealizadores ou algumas iniciativas vinculadas a instituições que não foram criadas por eles (caso do Viva Favela, associado ao Viva Rio; e do Correspondentes da Paz, que funciona em parceria com o Iser, mas nasceu de uma iniciativa do Governo do Estado associado à política de pacificação,) nas quais a figura do “correspondente comunitário” se faz central. A seguir, veremos de que maneira as instituições (sejam as criadas pelos entrevistados, sejam aquelas das quais eles já participaram de diferentes formas) contribuem para certa construção social sobre o papel das NTICs na vida deles e seu percurso de apropriação das mesmas.

MEDIAÇÕES E COLETIVOS, REPERCUSSÕES NAS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS

Não se pode desprezar o papel de mediadores no processo aqui analisado. Certamente, o tema das mediações poderia ser explorado a partir de perspectivas diversas, considerando, por exemplo, que boa parte dos entrevistados disse ter tido experiência de inserção em grupos religiosos ou em coletivos ligados à escola, como grêmios, como dito anteriormente. Esses dois aspectos por si só já poderiam nos dar pistas significativas sobre o tipo de inserção coletiva que estava por vir ou, ainda, sobre a “preocupação social” encontrada no discurso de todos eles e que pode ser percebida em seus *blogs* e *sites*. Há, ainda, a família e as relações de amizade que costumam desempenhar importante papel na formação de militantes e pessoas engajadas com trabalho social (o que ficou evidente em algumas entrevistas realizadas). Estamos considerando aqui, no entanto, apenas um aspecto possível nessa dinâmica de mediação. Aspecto este que tem impactos variados sobre certa geração de pessoas moradoras de favelas do Rio de Janeiro que se constituem como militantes ou engajados em “causas sociais”. Se considerarmos o perfil dos(as) jovens entrevistados, veremos que quase todos(as) encontram-se (ou já se encontraram) envolvidos em dinâmicas propostas por instituições e grupos que estamos aqui nomeando como mediadores. Tratam-se, em linhas gerais, de organizações sociais não governamentais formadas por pessoas das próprias favelas e/ou por pessoas de fora que organizam atividades, ações, pesquisas e projetos sociais envolvendo moradores e, em grande parte, possuem ações especificamente voltadas para jovens moradores. São, no entanto, ações e atividades com mais diferenças do que semelhanças entre si.

Neste caso em especial interessa, sobretudo, pontuar que tais organizações têm desempenhado papel relevante no que diz respeito a introduzir dinâmicas ligadas à comunicação comunitária e cultura, tendo em vista um público juvenil; propor ações de formação e mobilização em que os(as) jovens em questão estiveram de algum forma envolvidos; dispor de meios de comunicação e de produção de informação (câmeras, filmadoras, computadores etc.), por meio dos quais alguns(mas) desses(as) jovens puderam experimentar a condição de produtores de informação; garantir para alguns(mas) remuneração financeira para realizarem diferentes funções (seja como bolsistas de projetos, criadores de ações comunitárias, promotores culturais etc.)³⁷.

As organizações não governamentais que aparecem nas entrevistas em questão são Observatório de Favelas (em muitas ocasiões especialmente suas iniciativas ou projetos, como ESPOCC, Imagens do Povo e Solos Culturais); Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm); Raízes em Movimento; Viva Rio/Viva Favela; Correspondentes da Paz/Iser; Agência Redes de Juventude; AfroReggae; Grupo Eco; Cieds; Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) e Federação de Órgãos para Assistência Social

37. Deve-se considerar, de todo modo, que há uma enorme diversidade entre as organizações sociais que trabalham nas favelas ou com favelas. Para além da clivagem “de dentro” ou “de fora”, há as que reproduzem um certo discurso estigmatizador sobre pobres e juventude e outras que buscam ultrapassá-lo, por exemplo. Há as que se pretendem representantes das favelas e as que se contentam em representar ou atuar com alguns grupos da população local. Há, ainda, diferentes matrizes ideológicas e políticas orientando suas ações. As que atuam como “braço” do Estado e as que buscam construir outros tipos de relação com ele e/ou o mercado. Enfim, só para que tenhamos em mente que diferentes tipos de concepção e ações irão gerar diferentes reações e apropriações.

e Educacional (Fase). Como dito anteriormente, é possível, ao olhar para essa listagem, ter ideia da diversidade nela presente. Algumas organizações são locais, criadas por moradores e delas alguns dos(as) jovens entrevistados foram idealizadores ou estão hoje entre os responsáveis por suas ações (caso, por exemplo, de Raízes em Movimento, Grupo Eco e Visão da Favela). Outras iniciativas têm uma dinâmica institucional mais ampliada, tendo sido criadas dentro ou fora das favelas aqui englobadas, suas ações extrapolam os limites geográficos da comunidade onde se encontra sua sede, além disso realizam uma pluralidade de ações e atividades que seria difícil descrever de forma resumida ou mesmo categorizar precisamente (é o caso de Observatório de Favelas, Ceasm, Viva Rio, Iser, Cufa, por exemplo). A questão é que essas organizações vêm se configurando nas últimas três décadas pelo menos como atores relevantes para se entender a organização comunitária e as contradições que surgem a partir das relações que constroem com outras formas de representação, como movimentos sociais, o Estado, o mercado, e também a partir da criação de dinâmicas variadas associadas aos(as) jovens moradores(as) de favelas³⁸.

Assim como no caso dos *blogs* e *sites* tomados para análise, seria possível fazer exercício semelhante com as organizações citadas, percebendo-as por meio de tipos-ideais. Seria possível agrupá-las a partir de uma perspectiva geracional, por exemplo; a partir de linhas políticas e ideológicas; a partir da relação que estabelecem com o poder público e com o mercado; a partir do tipo de funcionamento prioritário de suas ações; a partir da relação que estabelecem com diferentes segmentos dos movimentos sociais (dos quais, em alguns casos, fazem parte); a partir das representações que acionam sobre juventude e pobreza na constituição de suas ações, e assim sucessivamente. No entanto, neste caso, a vinculação dos pesquisados com essas organizações também são muito diferenciadas e, de forma geral, o mesmo jovem estabeleceu, ao longo de sua trajetória, relações com mais de uma organização com a qual possui maior ou menor afinidade a partir de outros aspectos de sua história de vida. É preciso considerar, portanto, que cada um(a) desses(as) jovens lidam e negociam as informações e dinâmicas propostas por essas organizações e projetos a partir de outras tantas mediações.

Ainda que de forma muito imprecisa, é possível afirmar que tais instituições, no entanto, desempenharam certo papel na formação dos(as) jovens em questão tanto no que diz respeito a contribuir para a criação de uma geração de pessoas que lidam com comunicação e que utilizam diferentes meios para disseminar suas ideias como no que se refere a fomentar certa visão de mundo em que a favela passa a ser percebida como um espaço integrante da cidade.

Esses processos e a inserção dos(as) jovens em questão nessas instituições não podem ser compreendidos sem que se reconheça as possíveis interações institucionais. Diversos jovens se envolveram em

³⁸. Em Anexos, encontram-se, em linhas bastante gerais, informações sobre o trabalho de cada uma das instituições listadas a partir das iniciativas citadas pelos(as) jovens entrevistados(as) e/ou mapeadas pela pesquisadora. Optou-se aqui por apresentar cada uma das iniciativas a partir do conteúdo disponível em seus sites institucionais.

mais de uma iniciativa por meio de uma rede social (dessa vez, não virtual), a partir de pessoas que atuam como articuladores, técnicos, educadores em mais de uma instituição ou iniciativa. Ao que tudo indica, a inserção em uma dessas ações e o fato de serem reconhecidos como portadores de determinadas habilidades (poder de articulação e mobilização, falar bem, fotografar bem, conhecer bem o espaço em que vivem etc.) pode fazer com que esse(a) jovem seja convidado(a) a participar de outras iniciativas ou, ainda, que passe a ter acesso a uma rede de informações (que inclui a Internet, as redes sociais, *blogs* etc.) por onde são disseminadas informações (como abertura de editais, novos projetos com remuneração para jovens de determinado perfil etc.), que não são geralmente acessadas por outros(as) jovens moradores(as) das mesmas favelas.

Outra observação relevante é que alguns desses projetos abrem a possibilidade de esses jovens se tornarem reconhecidos nas favelas onde vivem, ao mesmo tempo que outros deles buscam jovens com certa experiência prévia de participação (teatro, Igreja etc., ou seja, pessoas já conhecidas e reconhecidas localmente) para que sejam capazes de executar as ações e atividades propostas.

O que importa perceber, sobretudo, e aqui não entraremos no mérito de se cada uma dessas instituições e iniciativas de fato alcança ou não os objetivos propostos, é perceber que existe uma cena cultural e política com espaços de formação e, sobretudo, de trânsito em que alguns jovens moradores de favelas passam a ter acesso a determinado tipo de informação e formação que contribuem para o tipo de atuação que passam a ter nessas localidades. É como se essas instituições, cada uma a seu modo, contribuísse para conformar certo modo de ação social, comunitária e comunicacional nesses espaços.

Por um lado, os meios de comunicação desempenham papel privilegiado nesse processo (e aí podemos reconhecer também a importância das NTICs); por outro lado, contribuem para a elaboração de um discurso que evoca uma relação entre favela e cidade que também passa a ser percebida nas ações e formulações dessas pessoas. A favela vista como parte da cidade, a favela como potência e não apenas com carências, a favela a partir da ótica dos direitos de seus(as) moradores(as) a circular por diferentes espaços da cidade, a reflexão sobre a ocupação social e cultural das favelas etc. Repetimos que as estratégias e os discursos que vêm dessas organizações são múltiplos (e mesmo ideologicamente contrastantes em diversos casos), mas é como se reverberassem de formas diversas, contribuindo para criar possibilidades distintas de apreensão da cidade.

Não casualmente, parte das iniciativas propostas por essas organizações são pensadas a partir de, ou tendo como componente central, diferentes meios de comunicação (casos mais evidentes estão



no Observatório de Favelas, Ceasm, Viva Rio, Cufa, Agência de Redes para Juventude e NPC). Nesse sentido, o que será apresentado a seguir sobre a atual lógica 2.0 da Internet, que transforma os usuários também em produtores de conteúdo, extrapola a Internet e, em muitas dessas organizações, torna-se uma das possibilidades de trabalho traduzidas em seus projetos e cursos de formação: capacitar jovens para produzirem as informações e as ações em seus espaços de moradia. A figura do produtor cultural surge nesse contexto e outras figuras históricas, como a do jornalista ou comunicador comunitário, são redefinidas à luz dessa dinâmica e da forte presença desses novos atores.

USOS E DESUSOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação estão longe de ser as protagonistas mais fundamentais dos processos em que esses(as) jovens encontram-se envolvidos. No entanto, também é impossível hoje pensar a inserção social e política dessas pessoas sem levar em conta a presença dessas tecnologias. Em geral, ao longo das entrevistas, eles(elas) relativizam o uso da Internet, das redes sociais e dos celulares em suas ações. Palavras como “instrumento”, “ferramenta”, “meio” são usadas quando se referem à Internet, às redes sociais, aos *blogs* e *sites*. No entanto, como foi visto inicialmente, todos(as) fazem uso regular das mesmas. E, mesmo durante a realização das entrevistas, alguns(mas) mantiveram-se “conectados”, dividindo sua atenção entre a entrevistadora e o celular ou o computador. Como ficou evidente no momento das entrevistas ou pelo Facebook dos(as) entrevistados(as), diversos(as) acessam a Internet via celular (ao menos três). Como foi visto anteriormente, ainda que se trate de um grupo homogêneo em certos aspectos, os usos das NTICs se aproximam, mas são traduzidos pelos(as) entrevistados(as) de maneiras muito distintas. Para alguns(mas), por exemplo, sua utilização foi responsável por uma reconfiguração total do trabalho social que vinha fazendo até então. Para outros(as), trata-se de mais um instrumento ou ferramenta. Entre esses dois polos, há aqueles para quem as NTICs desempenham, sim, um papel relevante, ainda que não tenha redefinido totalmente suas práticas políticas ou comunitárias.

Outro elemento que é essencial para entender essa dinâmica é o aumento da presença de computadores conectados à Internet nas favelas cariocas, como evidenciado inicialmente³⁹. No entanto, mesmo dentro das favelas, não se poderia afirmar que esse acesso se dá de maneira homogênea, já que estamos falando aqui de pessoas que não têm o perfil mais comum entre moradores(as) de favela, tratam-se de pessoas que atuam na área social, quase todas com ensino médio concluído (boa parte já ingressou ou mesmo concluiu o ensino superior), e, em grande parte, lidando com comunicação (seja profissionalmente ou utilizando como pessoas atuantes/engajadas). No entanto, ao mesmo tempo que muitas possuem uma percepção crítica da utilização desses meios, tendo até certa dificuldade em indicar outras pessoas ou grupos em suas favelas de moradia que utilizem a Internet com finalidades de mobilização social, denúncia de violação de direitos etc.; elas também produzem conteúdos para esses meios e deles se utilizam para seu trabalho social e ativismo.

Praticamente todos(as) dizem que sua militância (ou participação) dentro e fora da Internet são a mesma. E em seus perfis nas redes sociais, são poucos(as) os(as) que utilizam essa “ferramenta” apenas para seu ativismo. Na maior parte dos casos, aspectos da vida privada ou profissional se confundem com opiniões sobre as mais diferentes

³⁹. O acesso à Internet em domicílio aumentou significativamente na última década, no entanto, ainda que cresça de forma geral, mantém-se a desigualdade de acesso entre favelas ou bairros populares e bairros de classe A e B. Para mais informação ver NERI, Marcelo. *Mapa da Inclusão Digital*. Rio de Janeiro: FGV, FPS, 2012.

questões, divulgação de atividades de militância etc. Também não há entre o grupo estudado os(as) que possuem um perfil específico para a sua militância. Essa diferenciação só se dá no caso dos(as) que administram não apenas seus perfis pessoais, mas também perfis institucionais de grupos/instituições que coordenam ou nas quais estão envolvidos profissionalmente.

Como foi visto na seção referente ao perfil dos(as) entrevistados(as), alguns(mas) têm *blogs* pessoais e neles divulgam textos e imagens sobre seu local de moradia, onde fazem referência a ações positivas que ocorrem nesses locais. Mas também há casos em que o que está em jogo são violações de direitos e denúncias, sobretudo de ações do poder público que desrespeitam os direitos de moradores e moradoras. O mesmo acontece em seus perfis do Facebook ou do Twitter. Muitas vezes, são esses espaços, e não seus *blogs* ou *sites*, os espaços preferenciais para relatos ou divulgação de imagens e vídeos com reclamações e denúncias. No entanto, também é relativamente comum forte interação entre essas plataformas e uma denúncia feita no *blog* é amplamente difundida por uma das redes sociais virtuais em que se fazem presentes.

Como visto inicialmente, estamos falando aqui de *sites* e *blogs* com dinâmicas bastante diversas. Daqueles que são atualizados quase que diariamente (O Cotidiano, Voz das Comunidades, Viva Favela) e de outros que têm atualizações menos periódicas; de alguns que têm acessos que ultrapassam os milhares e de outros que são visitados por uma rede restrita de internautas; de alguns que chegam a ter patrocínio e de outros que são iniciativas individuais e independentes; de alguns que replicam conteúdos produzidos em grandes meios de comunicação e de outros que produzem quase que exclusivamente conteúdo próprio.

Entre os(as) entrevistados(as), sete disseram ter ou já ter tido um *blog* individual. Um deles (Francisco Valdean), que também já organizou cursos para jovens sobre *blogs*, diz que esse tipo de interface acabou caindo em desuso diante da grande repercussão e facilidade das redes sociais (não por acaso chamadas inicialmente de *microblogs*). Desses *blogs*, nem todos(as) têm a ver diretamente com temáticas estritamente associadas à realidade das favelas ou periferias. Pode-se afirmar que apenas um deles tem hoje esse objetivo central e, de certa forma, seria o menos pessoal dos *blogs* listados e também o que possui o maior número de acessos. No outro extremo, podemos pensar nos *sites* ou portais, com uma estrutura bastante complexa e, por vezes, estruturados a partir de *subsites* e que se orientam a partir da produção de notícias com viés fortemente jornalístico, que seria o caso atualmente do Viva Favela e do Voz das Comunidades.

Se pensarmos a partir dos sujeitos entrevistados, há uma grande circulação dos mesmos como colaboradores de diversos desses *sites* e *blogs*. Para tomarmos o exemplo mais paradigmático neste sentido,

Thamyra, a jovem responsável pelo *blog* (In)visíveis, também é colaboradora do Voz das Comunidades (onde é responsável por uma seção específica), do Viva Favela (para o qual eventualmente também trabalha para a revista do *site*, remuneradamente), além de ser responsável por outra seção no *site* Favela da Rocinha e de colaborar para o *blog* da ESPOCC (da qual participava como aluna no momento da entrevista). Trata-se, no entanto, de uma jornalista que associa sua ação militante nas favelas ao balisamento de sua trajetória profissional. Não se trata, por esta razão, de exemplo único. Pelo menos mais três foram colaboradores(as) do *site* Viva Favela em algum momento, ainda que não com forte vínculo institucional.

No entanto, os vínculos institucionais também são relevantes na conquista e manutenção dessas relações. Lembremos que vários(as) entrevistados(as) são idealizadores e responsáveis por iniciativas locais nas quais os meios de comunicação têm um papel relevante, quando não central. Esse, podemos dizer, é o caso de Voz das Comunidades, Visões da Favela Brasil, *site* do Instituto Raízes em Movimento e jornal O Cidadão (que apesar de ser ligado a uma instituição – Ceasm, a entrevistada envolvida é, há muitos anos, uma das principais responsáveis pelo veículo voluntariamente). Outras iniciativas também institucionais aos quais os entrevistados aparecem associados têm menor grau de independência com relação a uma estrutura mais ampla institucional em que estão inseridos e este parece ser caso de Correspondentes da Paz (Iser) e *blog* da ESPOCC (Observatório de Favelas), por exemplo.

Importa, no entanto, destacar que esses *sites* são parte de um conjunto ainda maior de iniciativas virtuais em que a favela é objeto primeiro⁴⁰. Esse conjunto talvez esteja orientado pelas produções culturais e políticas desses territórios (e sobre eles), com as quais a Internet consegue contribuir, reverberando para além de seus limites geográficos (e talvez mesmo simbólicos). Seria equivocado afirmar, no entanto, que a visibilidade de ações e discursos relativos às favelas só estão sendo divulgadas para além delas por causada popularização e das novas configurações da Internet. A fronteira (que ficou popularizada sob a ideia de “cidade partida”, definida no famoso livro do jornalista Zuenir Ventura em 1994) sempre foi menos definida do que poderia supor um observador que nunca esteve no Rio de Janeiro ou frequentou favelas da cidade.

Muito antes das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs também conhecidas como “pacificação”) ou de outras políticas públicas que se dizem responsáveis pela maior permeabilidade das favelas a moradores(as) de outros espaços da cidade, as favelas do Rio (ou ao menos uma parte delas) têm sido historicamente frequentadas por pessoas de outras localidades, assim como moradores(as) desses espaços circulam de diferentes maneiras pela cidade. Para além de pessoas, há a circulação de processos culturais e políticos que são criados muito

40. Ao analisar a pauta sobre a ‘visibilidade’ das favelas e sua relação com a produção de imagens da favela pelos movimentos sociais, a socióloga Julia Farias afirma que “(...) a comunicação virtual foi acompanhada pelo surgimento de diferentes iniciativas (...) dedicadas à elaboração e divulgação de registros visuais de favelas (...)”. Cenário em que pelo menos quatro dos entrevistados participam de forma ativa.

mais da interação entre esses espaços do que da cisão entre eles. As organizações apresentadas como partes de processos de mediação na trajetória desses(as) jovens podem contribuir para essa percepção já que, sejam elas criadas por pessoas de fora ou de dentro das favelas, contam com apoios externos e internos e possuem um sem número de combinações de relações entre os “de dentro” e os “de fora” e, sem essa dinâmica, seria impossível que elas existissem dessa forma. No entanto, no momento em que vivemos, a Internet, os *blogs*, os *sites* e perfis em redes sociais adensam este cenário e criam outras possibilidades de conexão e de visibilidades.

Outro aspecto importante é que esses *blogs* estão muito conectados aos perfis de seus criadores e/ou responsáveis. A cada novo *post* no *blog*, em geral, mensagens são compartilhadas via Facebook e Twitter. Assim, os perfis alimentam o acesso aos *blogs* e esses conteúdos se tornam conteúdo privilegiado nos perfis pessoais e institucionais nas redes sociais.

A dinâmica das redes sociais, e no caso de nossos(as) entrevistados(as), estamos falando sobretudo do Facebook, permite um compartilhamento mais dinâmico de imagens, pequenos textos ou notícias de *sites*, *blogs*, jornais etc. Ou seja, ainda que os conteúdos dos *blogs* sejam compartilhados pelos perfis nas redes sociais na Internet, outros muitos conteúdos relacionados aos temas favela, violação de direitos, política, questão social etc. são quase que diariamente disponibilizados pelos(as) entrevistados(as). Sendo assim, além da produção de conteúdo próprio, a partir da vivência particular da realidade da favela onde vivem, também é criada certa rede de compartilhamento de informações que acaba por fortalecer uma rede de indivíduos de diversas localidades (de dentro e de fora das favelas e das organizações aqui listadas) usuários(as) das redes sociais como ferramenta cotidiana de acesso e compartilhamento de informações sobre as favelas do Rio de Janeiro.

Entrar neste circuito certamente exige o conhecimento prévio de ao menos uma das pessoas que participa de tal rede, além de interesse no que está sendo compartilhado pelas pessoas em questão. Ao mesmo tempo que essa dinâmica de produção e compartilhamento de informações gera a possibilidade de acesso a textos e imagens que nem sempre chegam à grande mídia ou aos meios de comunicação comercial, há certo perfil de público leitor de tais informações o que, em geral, circunscreve esse acesso a um conjunto específico de pessoas que tem interesse por assuntos políticos e sociais, boa escolaridade, transita por instituições e grupos como aqueles descritos no capítulo anterior, sendo ou não moradores de favelas. Ou seja, cabe perguntar se, em vez de ampliar determinadas redes, o tipo de dinâmica por meio da qual funcionam as redes sociais em questão não acabaria por reforçar determinados circuitos de relações previamente existentes, ajudando a disseminar, produzir e compartilhar informações entre os mesmos

e as mesmas no lugar de alargar fronteiras e criar novos espaços de interação. No entanto, o próprio número de acessos de alguns desses *blogs*, *sites* e mesmo de amigos/seguidos de determinadas pessoas/perfis apontam para forte possibilidade de ampliação dessas conexões. Ou seja, estamos diante de um fenômeno de novo tipo que pode reforçar redes já existentes, mas também ampliá-las ou interconectá-las com outras redes de produção e recepção de informação inimagináveis fora da Internet e da dinâmica consolidada pela popularização do uso das redes sociais⁴¹.

Outro aspecto a se considerar na análise é a relação do grupo de entrevistados(as) e dos meios criados e usados por ele com os meios de comunicação de massa ou comerciais. Como foi possível perceber na descrição dos(as) entrevistados(as) e mediadores(as), há certa heterogeneidade na sua formação que se explicita também a partir de concepções de mundo e posições ideológicas, por assim dizer. Há, por exemplo, ao menos em cinco deles (e dois estariam mais envolvidos com o movimentos de comunicação comunitária), uma fortíssima crítica aos meios comerciais de comunicação e às empresas detentoras. Em outro extremo, podemos pensar em três entrevistados que trabalham ou já trabalharam para um grande canal de televisão e para o qual o fato de serem jovens moradores de favelas foi fundamental para se tornarem funcionários ou terem colaborado pontualmente com este grande veículo. Os outros poderiam ser posicionados em diferentes lugares nesse contínuo de maior ou menor crítica aos grandes meios de comunicação e, sobretudo, à imagem da favela e dos jovens favelados por eles veiculados. Interessante notar nesse processo que há, no entanto, certa abertura de alguns desses meios para a visão desses jovens (ainda que a partir de certa normatização e de um viés comercial). Exemplo disso seria a aqui já citada iniciativa “Parceiros do RJ”, em que moradores de favelas e bairros do Rio de Janeiro fazem matérias jornalísticas a partir de sua realidade veiculadas em um grande jornal local da Rede Globo (e do qual um dos entrevistados fez parte), e a apropriação do espaço da favela como espaço presente em narrativas ficcionais como seriados (Malhação) e novelas (Salve Jorge), para as quais outro jovem entrevistado foi contratado como consultor.

⁴¹. Mais uma vez, agradeço a Francisco Valdean por chamar a atenção para este aspecto durante a oficina de devolução da pesquisa.

O LUGAR DAS NTICs NAS PRÁTICAS COTIDIANAS E EM SITUAÇÕES “EXTRAORDINÁRIAS”

42. Nas entrevistas, quando perguntadas se já haviam tirado fotos nas quais ficava evidente uma violação de direitos (e, na maior parte dos casos, esse registro tinha a ver com violência policial), as pessoas disseram já ter usado celulares ou máquinas digitais para fazer tal registro, mas poucas foram as que utilizaram alguma plataforma da Internet para publicá-las. Ou seja, cientes dos possíveis efeitos advindos da circulação dessas imagens, mas também de uma cultura em que a punição desses agentes é rara e nem sempre eficaz, esses(as) jovens e adultos(as) temem represálias. Evidencia-se, portanto, os limites desses usos.

43. Há alguns exemplos de acontecimentos desta ordem como o relato de Thamyra quando presenciou a interação entre uma criança de bicicleta e policiais armados; ou fotos divulgadas por Ricardo e Maycom de ruas das favelas em que moram alagadas ou interditadas, demonstrando descaso do poder público; ou relato de Diego sobre abordagem policial no Borel ou a falta d'água continuada na favela, sem explicação do órgão responsável; ou relatos de René sobre as condições de saúde ou saneamento no Alemão; ou, ainda, boa parte do conteúdo disponível no blog *O Cotidiano*, de Francisco Valdean.

A ideia deste capítulo é tornar visível como os usos das NTICs se dão na prática a partir da análise de alguns eventos – cotidianos ou mais esporádicos – nos quais está em jogo a violação de algum direito ou a necessidade de afirmação de algum valor positivo associado à favela. Quando perguntados(as), durante as entrevistas, se já haviam usado máquina fotográfica, celular etc. para fotografar a violação de algum direito, quase todos(as) contaram já ter feito esse uso de seus celulares ou suas câmeras. Importante pensar que, em geral, essa pergunta levava imediatamente à associação entre violação de direitos e violência policial, talvez por ser a violência praticada pelos agentes do Estado que deveriam proteger a população – uma das questões mais extremas no que se refere à violação de direitos⁴². Quando a resposta não era imediata e referida à violência, a entrevistadora buscava dar exemplos que, em geral, levavam a lembrarem de algum outro episódio (como a filmagem de uma enchente no Santa Marta após obras de urbanização ou fotos do alagamento de uma rua em Cidade de Deus). O que se observa, no entanto, é que, nos casos das pessoas que fotografaram algum episódio de violência policial, apenas uma delas disse ter divulgado a foto nas redes sociais. As demais não chegaram a tornar públicas as imagens, em geral, por medo de ameaças às suas vidas.

A descrição de alguns eventos pode ser útil para entender os possíveis impactos dos usos das NTICs para mobilização social, denúncias de violação de direitos ou similares entre jovens moradores(as) de favelas. Antes de fazê-lo, no entanto, é preciso ter em mente que os eventos a serem descritos, ainda que façam parte do cotidiano dos(as) moradores(as), são acontecidos da ordem do extraordinário. Ou seja, ainda que aconteçam com frequência em muitas favelas do Rio de Janeiro, destacam-se por, de alguma forma, reorganizarem relações, gerarem reações que não acontecem sempre ou em todas as violações de direitos que são experimentadas diariamente pelos(as) moradores(as) em que o uso das Novas Tecnologias fez parte do repertório por eles(as) acionado. Outras violações percebidas pelos(as) entrevistados(as) podem gerar reações (como fotos e pequenos relatos compartilhados em seus *blogs*, Facebook ou Twitter), mas que não obrigatoriamente resultam em mobilização coletiva⁴³. Enfim, os relatos da ordem do cotidiano, que raramente resultam em mobilização de outros atores, sejam da sociedade civil, sejam do Estado ou de instituições responsáveis, são muitos. Como se as condições de vida destas populações e a precariedade em matéria de violações de direitos fosse aceita pela sociedade como um todo e pelo poder público, em especial.

Antes de passar para os casos a serem brevemente tomados para a análise, serão necessários alguns esclarecimentos. Pensando no cotidiano das pessoas e dos grupos/instituições que constituem este

estudo de caso, é possível enxergar diversos usos das Novas Tecnologias. O mais comum deles – também utilizado por nós ao longo da pesquisa – é o uso de torpedos ou troca de mensagens por meio das redes sociais para marcação de reuniões e divulgação de eventos e atividades. Podemos pensar essas atividades como ações da ordem do cotidiano, que acontecem com certa regularidade e cujo papel das NTICs são já previstos, sendo regularmente utilizadas pelas pessoas em questão. Utilizar o celular, o Facebook ou o MSN para trocar informações sobre fatos ocorridos ou marcar ações faz parte hoje do cotidiano dessas pessoas.

Uma parte desse cotidiano foi descrito quando analisamos a produção de conteúdo veiculado na Internet por meio dos *blogs*, *sites* ou redes sociais. Outros exemplos que poderiam ser dados são os usos vinculados à divulgação de atividades via *blogs*, Facebook ou Twitter, sejam elas atividades do próprio grupo, iniciativas em que estão envolvidos ou, ainda, de outras instituições que conhecem ou cujo tema é de seu interesse. Outro uso recorrente é para mobilizar pessoas para determinadas ações ou atividades que estão organizando ou nas quais se encontram diretamente envolvidos⁴⁴, e também para compartilhar fotos e comentários (sobretudo, no caso do Facebook) quando há algo errado (isso pode acontecer por meio de uma imagem feita por eles(as) junto com um comentário, por meio de um comentário apenas ou mesmo do compartilhamento de algum notícia ou texto escrito por outra pessoa ou mesmo divulgado por um meio de comunicação comercial ou não). No entanto, neste capítulo, trataremos mais atentamente dos usos em que houve uma violação de direitos ou uma denúncia em jogo.

OCUPAÇÃO DA VILA CRUZEIRO/ COMPLEXO DO ALEMÃO – DEZEMBRO DE 2010

44. Como a arrecadação de dinheiro e alimentos para distribuição posterior de cestas básicas, descrito por Ricardo, ator, coordenador de Os Arteiros e ex-Parceiro do RJ, que usou seu Facebook e seus contatos no celular para angariar fundos e alimentos para fazer cestas a serem distribuídas para família pobres da favela no Natal. Neste caso, a pessoa mobilizou pessoas de dentro e de fora por meios, ao mesmo tempo que percorria com um grupo de amigos casas e comércios locais com o mesmo objetivo.

45. Em realidade, a operação envolveu as Polícias Militar e Civil, Bope e Forças Armadas. <http://www.anovademocracia.com.br/no-73/3244-a-militarizacao-do-complexo-do-alemao-velho-estado-impoe-regime-de-excecao-nas-favelas-do-rio-de-janeiro>

A ocupação da Vila Cruzeiro, favela vizinha ao Complexo do Alemão, ocorreu no fim do mês de dezembro de 2010 e foi feita pela polícia e forças armadas⁴⁵ a fim de iniciar o programa de “pacificação” da Secretaria do Estado de Segurança do Rio de Janeiro e posterior implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). De acordo com Gama (2012),

A ocupação desta favela, a mais espetacular de todas até então realizadas na cidade, foi fortemente documentada pelas grandes emissoras de televisão, especialmente a Rede Globo, que suspendeu grande parte da sua programação para transmitir ao vivo não apenas a entrada dos militares, mas também uma enorme fuga de traficantes pelo alto do morro em direção a uma das favelas do “Alemão”. A fuga dos traficantes, pela maneira como aconteceu, a quantidade de

peças envolvidas e as imagens filmadas de helicópteros transmitidas e repetidas incansavelmente, acrescidas de comentários dos mais diferentes tipos de especialistas, chocou a sociedade que assistia a tudo ao vivo pela televisão e pela internet⁴⁶.

Aqui nos interessa, particularmente, o envolvimento de alguns dos jovens por nós entrevistados neste episódio no que se refere ao uso das NTICs por eles nesse processo.

René Silva, hoje com 18 anos, morador do Morro do Adeus, Complexo do Alemão, e criador do jornal comunitário Voz da Comunidade narrou, via Twitter, a ocupação de seu ponto de vista. Nessa ocasião, seus seguidores passaram de 700 para mais de 7 mil pessoas e ele rapidamente foi enredado pelo circuito dos grandes meios de comunicação como “porta-voz” de sua comunidade, ao menos para a grande mídia. As repercussões da relação de René com esses meios continua em processo: hoje, ele é contratado da Rede Globo, tendo dado assessoria para programas da emissora e inspirando personagem de novela que passa no horário de maior retorno em termos de anúncio e audiência do canal que tem um de seus núcleos de personagens no Complexo do Alemão pós-pacificação (trata-se da novela *Salve Jorge*). De acordo com informações publicadas no *blog* do próprio René sobre o episódio e sua repercussão em sua relação com as redes sociais que possuía⁴⁷:



46. Para o vídeo da ocupação, acessar www.videolog.tv/video.php?id=601653

47. Imagem do blog de René Silva: <http://renesilvasantos.blogspot.com.br/2011/11/linha-do-tempo-o-crescimento-do-voz-da.html>

Já no final de 2010 aconteceu a Invasão da Polícia no Complexo do Alemão e o VOZ DA COMUNIDADE voltou a tona na mídia, mas não foi porque eu quis...foi por causa das pessoas que me seguiam. Eu estava falando sobre o que estava acontecendo aqui no Complexo, a operação e várias pessoas começaram a enviar mensagens para pessoas famosas dizendo “Ah, segue esse menino aí, é da favela lá

onde tá tendo tiroteio, ele tá falando como tá a situação” e em questão de minutos, a autora de novelas da tv globo, Glória Perez viu essa mensagem e começou a divulgar também para as pessoas seguirem. Foi quando eu vi que meus seguidores pipocaram muito rápido e de 700 pessoas, passou pra mais de 7 mil. Fiquei muito assustado na hora e até com medo de falar alguma coisa.

Várias pessoas disseram pra eu parar de falar o que estava acontecendo aqui do meu twitter pessoal e voltar a usar o do @vozdacomunidade que tinha apenas 180 seguidores. Pois bem, comecei a usar e várias pessoas começaram a seguir, várias pessoas falando daquilo que a gente publicava, foi uma coisa muito rápida e novamente eu fiquei chocada com o número de seguidores que foi chegando no decorrer dos minutos... Mas continuei publicando o que acontecia, cada vez mais intensa porque o tiroteio começou a rolar, e eu falava toda a verdade do que estava rolando né. Daqui a pouco eu ligo a tv e vejo na globonews falando do twitter @vozdacomunidade e me assustei: “Gente, como assim? acabei de falar aqui no twitter e já está na tv? muito rápido essa parada” - fiquei preocupado por conta da segurança mas correu tudo bem.

Atualmente tenho 23.900 seguidores no meu @rene_silva_rj e 66.300 pessoas acompanham o @vozdacomunidade pra saber o que anda acontecendo ainda no Complexo do Alemão. (<http://rensilvasantos.blogspot.com.br/2011/11/linha-do-tempo-o-crescimento-do-voz-da.html>)

48. Certamente, o caso de René Silva é paradigmático sobre as possibilidades de conexões entre redes a partir dos usos de blogs e redes sociais na Internet, enunciado no ponto anterior do relatório.

49. De acordo com Maia (2012), ao analisar o ocorrido: “Em alguns momentos, inclusive, o “Voz da Comunidade” chegou a corrigir informações noticiadas pela grande mídia, como mostra a declaração a seguir: **R5** Às vezes, a gente até corrigia algumas informações dadas na tevê, como as áreas que os helicópteros estavam sobrevoando, porque nós conhecemos melhor a comunidade”. A repercussão da cobertura feita pelo “Voz da Comunidade” tornou-se ainda maior quando algumas celebridades, como o jornalista Marcelo Tas, a atriz Fernanda Paes Leme, a novelista Glória Perez e a cantora Gal Costa elogiaram, em seus twitters, a cobertura feita pelos jovens. Tanta repercussão alcançada pelo “Voz da Comunidade”, mais especificamente, por seu idealizador, fez, inclusive, com que René, em alguns momentos, passasse a dar declarações de autoridade, não mais meramente informativas. Firmando-se, pois, como pessoa que vivia a ocupação da forma como nenhum espectador, ou mesmo jornalista, o fazia, ele chegou a dar declarações à imprensa sobre o que ele esperava que a operação fosse gerar: **R6** Não senti medo, pois já estou acostumado. Mas espero agora descansar, não ouvir mais disparos de tiros e que haja mudanças.”

É interessante notar que o que aconteceu com René a partir de seu uso da Internet não é nada corriqueiro⁴⁸. E isso não se explica pelo fato de que as pessoas que vivem em favelas não têm acesso à Internet ou não se utilizam das redes sociais. Como ele mesmo disse, havia ao menos 700 pessoas seguindo-o no Twitter. Sua projeção como referência para certos atores externos certamente se relacionou ao fato de continuar conectado e narrando o que se passava em seu local de moradia a partir de seu ponto de vista, mas também o fato de contar o acontecido “de dentro” e “em tempo real”, ao tipo de narrativa por ele construída, o tipo de trabalho social que já realizava (além do jornal comunitário, atividades como distribuição de cestas básicas e festas comunitárias), sua idade (na época, tinha 16 anos) etc., uma série de atributos que fizeram dele uma pessoa que poderia ocupar certo lugar entre determinados interlocutores externos.⁴⁹

René também se apropriou das relações criadas a partir daí e se tornou uma pessoa ainda mais expressiva como “jovem daquele território” que faz determinados usos da Internet, passando a ser convidado a dar palestras e a contar sua história. Ainda que ele já tivesse um meio de comunicação comunitário, a repercussão a partir do evento ficou centralizada na sua figura pública (como acontece com diversas organizações sociais de origem local/ base comunitária que se tornam quase sinônimo de seus coordenadores/criadores, figuras

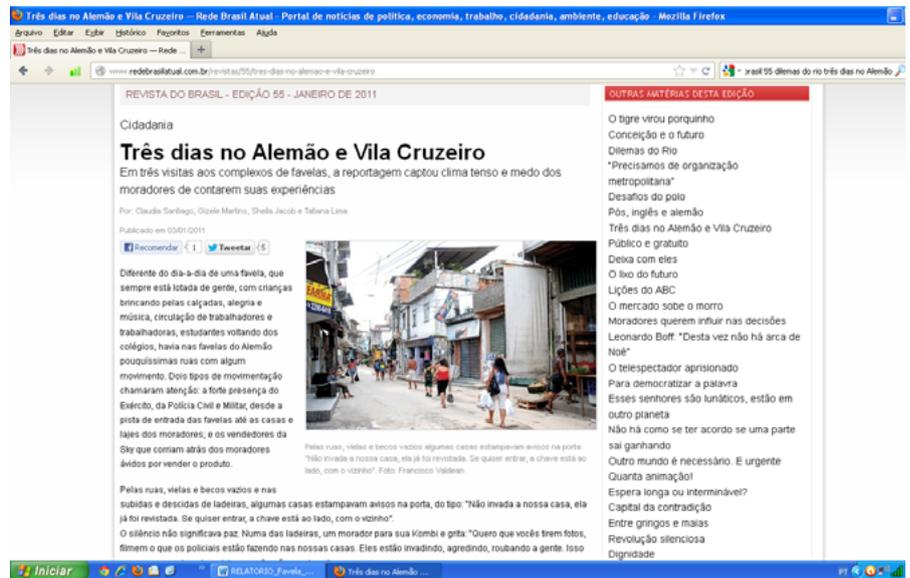
públicas que as representam, mas cuja vida se confunde com as de suas organizações – MV Bill e Celso Athayde, da Cufa, ou José Junior, do AfroReggae, para ficar nos exemplos mais conhecidos e com maior visibilidade dos grandes meios de comunicação).

Naquela ocasião, outros usos foram feitos da Internet para circular informações a respeito da ocupação e das violações de direitos ocorridas (e talvez esta seja uma diferença significativa em termos de formas de enunciação de um mesmo ocorrido). O Instituto Raízes em Movimento, do qual entrevistamos duas pessoas ligadas à sua coordenação, mobilizou outras instituições locais e de fora e fez um documento convocando reunião para debater o assunto⁵⁰. Certamente, esse tipo de iniciativa não é uma novidade trazida pelas NTICs, mas o tipo de circulação que pode ganhar a partir da utilização acaba por mudar, até mesmo, o tempo dos desdobramentos e dos próprios acontecimentos. Um de seus coordenadores, Alan Brum, deu entrevistas criticando e questionando o ocorrido⁵¹. Estamos falando, portanto, de formas de mediação entre atores internos e externos e mecanismos de exposição de seus pontos de vista a partir de dada situação, sobre a qual, certamente, não há unanimidade nem entre os moradores do local, muito menos entre atores externos.

Os últimos sujeitos que aqui citaremos envolvidos no episódio foram o fotógrafo e *blogueiro*, morador da Maré, também entrevistado por nós, Francisco Valdean, e a jornalista e também moradora da Maré, Gizele Martins, outra de nossas entrevistadas. Nessa ocasião, ambos estiveram envolvidos na produção de uma matéria para a *Revista do Brasil*. Valdean foi, na ocasião, contratado pelo NPC (Núcleo Piratininga de Comunicação) para fazer fotos sobre o que estava acontecendo na Penha para uma matéria que estava sendo produzida sobre os processos de instalação das UPPs da qual Gizele foi uma das autoras. A matéria buscava saber como a operação e o iniciado processo de pacificação estavam repercutindo no cotidiano dos(as) moradores(as) do local. De acordo com a matéria publicada:

50. <http://nova.apn.org.br/w3/index.php/questoes-urbanas/2334-nota-pca-de-instituicoes-comunitarias-atuantes-no-bairro-do-complexo-do-alem>

51. <http://www.raizesemmovimento.org.br/homens-do-bope-comecam-a-ocupar-o-complexo-do-alemao/>



O silêncio não significava paz. Numa das ladeiras, um morador pra sua Kombi e grita: “Quero que vocês tirem fotos, filmem o que os policiais estão fazendo nas nossas casas. Eles estão invadindo, agredindo, roubando a gente. Isso eu quero ver sair no jornal, isso vocês não mostram”. Ou seja, imagens e palavras que buscavam mostrar uma outra versão da pacificação em curso. (...)

Maria discorda da “paz” alardeada por alguns jornais. “Aqui não está toda essa maravilha. Uma coisa é perto do asfalto, aqui dentro a realidade é outra. Muita gente está tendo suas casas destruídas, trabalhadores e mães de família que não têm nada a ver com a guerra”. Maria e outros moradores esperam que melhorias ocorram daqui para frente. “A lei pode ser igual para todos na teoria, mas no morro os direitos são diferentes”. Uma vizinha de Maria, Júlia Gonçalves, reclamou da falta do respeito dos policiais. (...)*

Essas denúncias têm sido cada vez mais comuns. Desde o dia 30 de novembro um ônibus da Defensoria Pública do Estado está na esquina da Joaquim de Queiroz com a Avenida Itararé, um dos principais acessos ao Morro do Alemão. Segundo a defensora Darci Burlandy, coordenadora da ação na comunidade, foram cerca de 320 atendimentos por dia. As principais procuras foram para retirada de documentação básica e orientação jurídica. Cerca de 30 moradores registraram queixas contra a atuação da polícia. (Matéria Revista do Brasil, número 55, Por: Claudia Santiago, Gizele Martins, Sheila Jacob e Tatiana Lima, publicada em janeiro de 2011)⁵²

Talvez o mais importante a se pontuar desse episódio em específico não sejam as suas consequências a partir dos usos das NTICs. A partir do ponto de vista de alguns entrevistados, pouco mudou no que diz respeito à relação da população local com a polícia ou a experiência cotidiana de episódios violentos após a implantação das

52. <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/55/tres-dias-no-alemao-e-vila-cruzeiro>

53. A este respeito, ver MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. (org.) *Vida sob cerco – violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

UPPs, e mecanismos de denúncia continuam sendo permanentemente ativados pela população (bem como outras tantas formas de lidar com os riscos que envolvem tal relação – silêncio, medo etc.).⁵³ Para outros, o cenário está um pouco melhor. Em nosso caso, esse episódio ajuda a refletir quais tipos de circulação e apropriação diferentes de discursos possuem (e que, certamente, são intensificados) a partir do uso das NTICs, neste caso, sobretudo da Internet e das redes sociais. Alguns deles, mais politizados e posicionados, parecem ser menos permeáveis a certas apropriações por parte de atores externos que buscam positivar a ação estatal em curso, enquanto outros parecem ser mais flexíveis e ajustáveis a esses objetivos, ainda que não tenha sido o objetivo inicial de quem o produz.

O CASO DO PLANO INCLINADO – SANTA MARTA

O Plano Inclinado do Santa Marta fez parte das obras de urbanização do morro e foi inaugurado em maio de 2008. Em 2012, o *blog* Nossa Opinião, criado depois de um curso ligado a redes sociais dado para jovens moradores(as) da região no Grupo Eco por uma das lideranças jovens do grupo por nós entrevistado, Juan Souza, publicou a notícia a seguir (“O Bonde parou na esquina do Santa Marta”) sobre problemas relacionados ao Plano Inclinado:

The screenshot shows a Mozilla Firefox browser window displaying a blog post. The browser's address bar shows the URL: blognossaopinio.blogspot.com.br/2012/02/o-bonde-parou-na-esquina-do-santa-marta.html. The page title is "O Bonde parou na esquina do Santa Marta". The post is dated 10:12 and has 66 comments. It features a photograph of a bus stuck on a ramp, surrounded by a large pile of trash. The text of the post discusses the inconvenience caused by the bus being stuck during Carnival, particularly for the elderly and those with physical disabilities. The blog interface includes a search bar, a list of popular posts, and a sidebar with tags and followers.

Esse carnaval não foi um dos melhores para os moradores do morro de Santa Marta, pois para espanto dos moradores, o plano inclinado (bondinho) não estava funcionando para a tristeza de todos. A parte baixa da comunidade não foi muito afetada, mas a parte de cima sofreu com os transtornos, principalmente as senhoras de idade que já não tem forças para subir tantas escadas e os deficientes físicos.

Outra classe muito afetada foram os comerciantes que precisam transportar os seus produtos para abastecer e tiveram que carregar nos ombros grandes amarrados de refrigerantes e caixas de cervejas para poder vender. O bonde além de transportar mercadorias, ele também transporta materiais de construção e o lixo que a Comlurb reúne na estação 3 (estação de transferência do bondinho), acumulando uma grande quantidade⁵⁴.

A administração do bonde alega que ficou fechado, devido a perda da chave da porta de emergência, o que causou a revolta dos moradores que ficaram prejudicados que argumentam que poderia ter sido chamado um chaveiro para que o problema seja resolvido.

Esse blog compartilha da revolta dessas pessoas e pede que seja apurado pela associação de moradores e pela administradora do bonde para que problemas como esse não voltem mais a acontecer, pois problemas existem claro, mas o que não pode é afetar a vida de centenas de moradores que já sofrem diariamente com os descasos do Poder Público. (Postado no blog Nossa Opinião, tendo como autor visível o seu administrador, sem data⁵⁵)

O interessante da notícia, para além de seu conteúdo, foi a repercussão que teve. Ao contrário de muitas outras variadas notícias publicadas no mesmo *blog*, esta teve 66 comentários de fevereiro a março de 2012, gerando um verdadeiro debate público em torno da questão a partir de diversos pontos de vista. Os muitos comentários eram de apoio pessoal aos funcionários do bonde, assim como críticas pessoalmente direcionadas. Mas, além disso, havia textos fazendo ponderações mais gerais que tinham a ver com a concepção e gestão do serviço (por exemplo, as filas para pegar o transporte nas quais moradores(as) têm de esperar o mesmo tempo que turistas; a falta de manutenção dos equipamentos; ou ainda a falta de transparência na indicação das pessoas que lá trabalham). Ao longo dos comentários publicados, houve uma reunião convocada a partir das reclamações dos(as) moradores(as) no *blog*. O interessante é que, mesmo depois dessa reunião, os comentários continuam pontuando que nada mudou no serviço prestado.

Boa parte dos comentários publicados é, no entanto, anônima, o que pode indicar a dificuldade de expressar suas opiniões e sofrer censuras por outras pessoas da favela com opiniões diferentes e que detêm maior poder. O que fica mais evidente no debate travado ao longo dos muitos comentários postados é a diversidade de opiniões e grupos sociais existentes na favela e, como escreve um dos participantes do

54. A foto do lixo acumulado ilustrando a matéria destaca uma questão de grande preocupação para moradores(as) da favela, como pode ser visto em vídeo e publicação feitos por moradores(as) da favela em projeto de Ibase em parceria com Grupo Eco: <http://www.ibase.br/pt/2012/04/jovens-do-santa-marta-produzem-video-em-projeto-do-ibase/>.

55. <http://blognossaopiniaoblogspot.com.br/2012/02/o-bonde-parou-na-esquina-do-santa-marta.html>

56. Não foi possível saber se esta reportagem foi pautada por algum(ma) morador(a) ou se teve outro tipo de construção. A reportagem foi citada em um dos comentários e o link compartilhado: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/noticias/defeito-em-bondes-deixa-moradores-do-santa-marta-sem-transporte-20120328.html>.

57. <http://blognossaopiniao.blogspot.com.br/2012/03/reuniao-sobre-utilizacao-do-bonde.html>

58. “Atenção moradores da favela do Santa Marta, no dia 29 de março de 2012 às 19h acontecerá a continuação da primeira reunião ocorrida no dia 07/03 para tratar de problemas relacionados ao Plano Inclinado (bondinho) na quadra do GRES Mocidade Unida do Santa Marta, situada a Rua Jupira, 72 em Botafogo. Você que é usuário que tem alguma reclamação a fazer, venha e a faça nessa reunião para que juntos possamos tentar resolver esse assunto. Essa é a hora de reclamar o que tem que ser reclamado, pois temos muitos assuntos pendentes para futuras reuniões, tais como a obra que está chegando já querendo derrubar o pico, o lixo que ainda existe na comunidade em locais inapropriados, o turismo feito de forma desordenada etc, mas esse encontro do dia 29 direcionado apenas para as reclamações que você tenha a fazer e tudo será conversado em clima de paz, sem brigas, mas visando uma melhora na qualidade do atendimento de um patrimônio nosso que lutamos para conquistar e agora devemos lutar para cuidar”. <http://blognossaopiniao.blogspot.com.br/2012/03/2-reuniao-sobre-o-plano-inclinado.html>

59. A este respeito, ver ELIAS, Nobert e SCOT-SOM, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

debate, certa dificuldade para se articularem em torno de um objetivo comum para reivindicar melhorias (já que, em muitos casos, as críticas são feitas a pessoas e não à gestão ou administração ou manutenção do serviço na figura de um órgão responsável). Muitos comentários se referem à “preguiça” de determinado(a) funcionário(a), que não quer trabalhar, por exemplo. Enquanto alguns outros buscam criar a ponte entre o fato concreto (lido inicialmente como descaso de um funcionário que também é morador da favela com o restante da comunidade) com uma percepção mais geral do que está em jogo ali (a reprodução de serviços precários oferecidos pelo poder público para a favela a partir de alianças estabelecidas com determinados grupos locais).

Em alguns comentários, pessoas da localidade falavam que era preciso chamar os jornais, os grandes meios de comunicação para dar visibilidade à questão e para que pudessem ter alguma solução (já que tal estratégia estaria “queimando” políticos que se valem do local para se eleger ou afirmar sua imagem pública). Isso de fato acabou por ocorrer: uma grande emissora fez uma reportagem sobre o Plano Inclinado⁵⁶. Também referente ao Plano Inclinado e aos desdobramentos a partir do primeiro texto, o *blog* publicou a ata de uma das reuniões realizadas para tratar do assunto⁵⁷ no entanto, para essa publicação, houve apenas três comentários. Além dessa, há mais uma, desta vez convocando para uma segunda reunião sobre o assunto, com apenas um comentário⁵⁸.

Muito provavelmente, o texto em questão apenas resumiu incômodos já existentes entre grupos de moradores(as). Os desdobramentos a partir daí não podem ser entendidos apenas como resultado ou efeitos do que foi publicado e dos comentários que se seguiram (que parecem também estar relacionados a disputas internas anteriores e a julgamentos a respeito de determinadas pessoas e suas vinculações). No entanto, é inegável que esse instrumento se tornou uma parte relevante do processo em questão, talvez trazendo a público questões que antes se circunscreviam a determinadas esferas, comumente associadas, por exemplo, à fofoca e ao papel de controle social por ela comumente desempenhado em diferentes grupos e contextos sociais⁵⁹.

A divulgação das críticas, mesmo que personalizadas, abriu a possibilidade de mediações outras, a partir de moradores(as) com percepções distintas sobre a denúncia em questão, que levou o assunto a ser percebido por muitos(as) ali como algo referente ao direito dos(as) moradores(as) a um serviço de boa qualidade, direito de ir e vir etc. Essa dinâmica não teve o *blog* como único palco, mas foi desdobrada em reuniões presenciais e na organização de uma comissão na associação de moradores local para o acompanhamento da questão, assim como em matérias feitas por grandes meios de comunicação. Os desdobramentos, e mesmo o tipo de debate levado a cabo, seja no *blog* (com espaço para comentários dos leitores), seja nas

reuniões presenciais (e mesmo a estratégia das reuniões comunitárias como um possível desdobramento para a questão) têm a ver também com o histórico de organização de grupos locais e com seu repertório construído ao longo do tempo de como lidar com questões referentes, por exemplo, à urbanização ou à falta de direitos. Nesse sentido, a Internet aparece como um elemento que traz consigo possibilidades e limitações a partir de um cenário social bem mais amplo e complexo não apenas para expor uma questão local/ comunitária para pessoas “de fora” (que aconteceu, por exemplo, no episódio anteriormente descrito), mas como forma de comunicação entre os “de dentro”.

ATO CONTRA A REMOÇÃO DO PICO/SANTA MARTA

A agenda da remoção de favelas ou de áreas diagnosticadas como sendo “irregulares” pelo Estado continua sendo uma questão que mobiliza grupos sociais e organizados em diferentes favelas do Rio de Janeiro. No caso da área conhecida pelos(as) moradores(as) como Pico, da favela Santa Marta, há mobilização de grupos organizados e moradores(as) para tentar evitar a remoção dos(as) moradores(as) do local desde que, no início do ano, a Prefeitura do Rio de Janeiro diz ser necessário remover dali 40 casas. Houve contratação de profissional para um contralaundero que aponta outras soluções. O *Repper* Fiell, liderança local, ligado ao movimento Hip Hop e à rádio comunitária, fez um pequeno vídeo de convocação para a atividade⁶⁰ que também circulou como evento e convite em seu Facebook e no perfil da mesma rede social de pessoas ligadas a outros grupos locais, como o Grupo Eco. Como fala no vídeo de pouco mais de 2 minutos, o intuito era conscientizar as pessoas para o significado da remoção dos(as) moradores(as) daquela área, uma vez que há laudos técnicos contraditórios sobre o local representar perigo para quem lá vive e mobilizar pessoas da favela, mas também do “asfalto”. O vídeo teve pouco mais de 200 acessos (contador do Youtube) e sua intenção principal era, claramente, mobilizar para a caminhada realizada no dia 2 de setembro de 2012.

Da atividade, que reuniu cerca de 100 pessoas, saíram dois novos vídeos, um deles editado por Fiell e o outro, ligado à TV Favela, ação do Grupo Eco (publicado por SantaMartaGrupoEco no YouTube). O primeiro deles teve cerca de 100 acessos e o segundo, 80. Ambos exibem toda a atividade realizada, desde a concentração na Praça Corumbá e a preparação de cartazes (com dizeres como “urbanização sem remoção”, “copa e olimpíadas de remoção”, “santa marta ‘modelo’ de quê?”, “as favelas de Jacarepaguá apoiam a luta do Pico”, “não à opressão governamental”, alguns explicitamente direcionados ao prefeito e ao governador), falas de lideranças locais contrapondo-se à remoção (e de que aquela seria uma “área de risco”) até a caminhada.

⁶⁰. Vídeo “Repper Fiell convida para trilha ao mirante Dona Marta.”: <http://www.youtube.com/watch?v=VCMur3sKZ6o>.

Trata-se de vídeos longos: um com pouco mais de 11 minutos e o outro com mais de 20. O vídeo do Grupo Eco⁶¹ trata todos os que aparecem falando como “moradores” e não lideranças ou representantes de algum grupo ou organização. Constrói-se o discurso de que a defesa do Pico é defesa de todos(as) os(as) moradores(as) da favela (e não apenas daqueles que vivem nessa área específica) e da necessidade de que a reclamação não fique só “dentro do morro”, mas que “o mundo fique sabendo” do ato arbitrário do poder público. O vídeo termina com Fiell cantando um de seus *raps* que falam da situação das favelas e da importância da resistência. O vídeo feito por Carlos Roberto⁶² trás *rap* de Fiell criticando o tratamento dado às favelas e a importância das lutas de resistência, incluindo àquela relacionada à remoção. Também como trilha a música de Michael Jackson (“They don’t really care about us”) que teve o Santa Marta como um dos “cenários” da gravação de seu clipe em 1996. Essas e outras músicas relacionadas à favela são trilha do filme que, ao contrário do primeiro, não mostra o áudio das falas de moradores(as) ou lideranças e alterna filmagem e fotos do dia da ação.



61. “Urbanização sem remoção”: <http://www.youtube.com/watch?v=K8AvVpsKLHM>.

62. <http://www.youtube.com/user/robertinho-santamarta> e “Trilha contra a remoção do Pico do Morro Santa Marta”: <http://www.youtube.com/watch?v=Th7SqM7azKI>

63. Os veículos de imprensa alternativa *A Nova Democracia*, *TV Memória Latina* fizeram matérias de vídeo a respeito, a campanha de um candidato a vereador pelo PSol (MC Leonardo), além de jornal local da Band e CQC, programa de grande audiência da mesma emissora.

64. <http://www.polifoniaperiferica.com.br/2012/09/resistencia-contra-a-remocao-dos-moradores-do-pico-da-favela-santa-marta/>

Certamente, as imagens aqui brevemente narradas não foram as únicas produzidas sobre o assunto⁶³. Nos vídeos descritos, apareciam muitas outras pessoas com câmeras de foto e vídeo. Além disso, na busca feita no Youtube sobre o assunto, aparecem, por exemplo, reportagens realizadas por grandes meios de comunicação sobre o assunto da remoção no Santa Marta relacionada ao Pico, bem como textos escritos por lideranças locais, como Itamar Silva⁶⁴. Essas outras imagens (sobretudo, da grande imprensa) circularam após as ações da população e a produção das imagens por moradores(as) e veículos da mídia alternativa. É importante pontuar que as matérias disponíveis

no YouTube tiveram variados números de acesso, mas indicam um grande potencial de circulação de um discurso contrário à remoção (que é incorporado nas matérias feitas por um grande meio de comunicação neste caso em especial). A matéria de *A Nova Democracia* (uma iniciativa de mídia alternativa), por exemplo, teve mais de 700 acessos, enquanto a feita pela campanha de Mc Leonardo, mais de 200 e a da *TV Memória Latina* mais de 40 acessos⁶⁵. O caso do Santa Marta certamente não foi o de maior repercussão recentemente: os casos do Morro da Providência e da Vila Autódromo⁶⁶, por exemplo, têm tido grande mobilização e repercussão e gerado certo debate público entre os diferentes territórios favelados com áreas ameaçadas por iniciativas de remoção ou que vêm sendo objeto de remoção sem consulta prévia. Nesse caso, as NTICs e a Internet têm se tornado um canal possível para enunciar a opinião e visão de grupos de moradores(as) locais sobre uma ação do poder público que consideram ilegítima, desnecessária e comprometida, em sua visão, com interesses que não reconhecem e que não priorizam o direito dos(as) moradores(as) ou a história da localidade.

ASSASSINATO DE CRIANÇAS E JOVENS PELA POLÍCIA NA MARÉ: O CASO MATHEUS

Em 4 de dezembro de 2008, uma criança foi morta na favela da Maré. Seu nome era Matheus Rodrigues, tinha 8 anos e era morador da Baixa do Sapateiro, uma das 17 comunidades do Conjunto de Favelas da Maré. Atingido por um tiro de fuzil pela polícia, a história de Matheus está longe de ser uma exceção. No entanto, sua morte foi registrada por um morador e também fotógrafo (Naldinho) e gerou uma imensa repercussão a partir da publicação da imagem na Internet e nos grandes meios de comunicação. A seguir, a matéria feita por jornalistas e militantes da Maré e algumas das fotos de Naldinho, que ilustraram o texto que narra o fato a partir do ponto de vista de seus moradores:

⁶⁵. Links para as matérias citadas: http://www.youtube.com/watch?v=_uETRFsfNH4, <http://www.youtube.com/watch?v=5YimWfT9rAQ>, e <http://www.youtube.com/watch?v=8v6zyOC4Bf0>.

⁶⁶. Recentemente, diversas favelas encontram-se sobre ameaça de remoção e há movimentos organizados dentro e fora das favelas, confrontando a versão da prefeitura sobre a necessidade desta ação por meio de atos e da produção de contra-argumentos, como pode ser visto em <http://comunidadevilaautodromo.blogspot.com.br/>

Fazendo Mídia: a mídia que a mídia faz :: Mozilla Firefox

Trabalhos em Linguística Aplicada - Paraná

Fazendo Mídia: a mídia que a mídia faz

Jovens do Santa Marta produzem vídeo

Resistência contra a renovação dos morad...

clipe care about us michael jackson ano

MEDIA

Quem somos | Assinatura | Expediente | Contato

- Editorial
- Diário-dia
- Política
- Internacional
- Esportes
- Educação
- Cultura
- Movimentos sociais
- Eventos
- Colunas
 - Adriano Facina
 - Carlebot Costa Neto
 - Cleide Pereira
 - Gustavo Gimara
 - Luiz Braga
 - Lula Miranda
 - Mário Augusto Jankowski
 - Paulo Sendral

Movimentos sociais

05.12.2008

MATHEUS, DE 8 ANOS, É ASSASSINADO POR POLICIAIS NA PORTA DE CASA

Por Silvana Sá e Gizele Martins - Jornal O Cidadão, Renajour.
Foto: Waldinho Lourenço/Imagem do Povo

Hoje (5/12) por volta das 10h, Matheus Rodrigues, de 8 anos, foi sepultado. Moradores e familiares informados levaram cartazes protestando o descaso, a falta de políticas públicas de segurança pública do Rio de Janeiro, outros vestiram a camisa do "Movimento Pela Vida Contra o Extermínio".



Logo depois, já na comunidade da Maré, um grupo de pessoas em manifestação caminhou por algumas ruas.

Assinatura



Clique aqui para assinar nosso jornal impresso

Iniciar

Fazendo Mídia: a mídia que a mídia faz :: Mozilla Firefox

Trabalhos em Linguística Aplicada - Paraná

Fazendo Mídia: a mídia que a mídia faz

Jovens do Santa Marta produzem vídeo

Resistência contra a renovação dos morad...

clipe care about us michael jackson ano

Message especial para jornalista

Introduções

ENFRENTO O MUNDO



POR UMA CPI NA MÍDIA
A CADA-PRETA DAS CADA-PRETS

Moradores não ouviram troca de tiros

Por volta das 8h do dia 4 de novembro, Matheus Rodrigues, de 8 anos, foi executado pela Polícia Militar, na Baixa do Sapateiro, Complexo da Maré. O menino morreu com um tiro no rosto. Familiares e testemunhas afirmam que não houve troca de tiros. Matheus saiu de casa para comprar pão. Ele estava caído junto ao muro, sentido, com uma moeda na mão. Moradores revoltados não deixaram o corpo ser retirado do local pelo Corpo de Bombeiros. "Vimos a presença de um perito", gritavam.

O deputado estadual e presidente da Comissão de Direitos Humanos da Alca, Alessandro Molon, esteve no local. Ele afirmou que a Comissão prestará assessoria jurídica para a família. "Vamos acompanhar a investigação desse caso até o final. É inaceitável que isso aconteça", lamentou. Molon informou que a Comissão de Direitos Humanos já está à disposição da família e que fará tudo o que estiver ao alcance para que os responsáveis sejam punidos.



Por volta das 10h, peritos do Instituto de Criminalística Carlos Eboi chegaram ao local. A família estava sem condições de dar entrevistas. A mãe e o avô do menino precisaram de atendimento médico. A comição tomou conta dos moradores, que choravam a morte trágica da criança.

Iniciar

Fazendo Mídia: a mídia que a mídia faz :: Mozilla Firefox

Trabalhos em Linguística Aplicada - Paraná

Fazendo Mídia: a mídia que a mídia faz

Jovens do Santa Marta produzem vídeo

Resistência contra a renovação dos morad...

clipe care about us michael jackson ano

precisaram de atendimento médico. A comição tomou conta dos moradores, que choravam a morte trágica da criança.

Revolta dos moradores

Um grupo de moradores gritava por justiça em frente ao Posto Policial Comunitário (PPC) da Baixa do Sapateiro. Um cavalo estava estacionado em frente ao posto. Inicialmente os policiais reagiram com tiros para cima. Depois, o major responsável pelo PPC ordenou que os policiais parassem de atirar. "Ninguém dispara, ninguém joga bomba", avisou. Moradores traziam faixas e cartazes exigindo justiça, chamando os policiais de assassinos e pedindo respeito com os moradores.

Um menino de 8 anos, estudante da Escola Municipal IV Castelinho, localizada na Baixa do Sapateiro - ao lado do PPC -, estava assustado no meio da confusão. "A polícia só vem para matar crianças", afirmou.



O presidente da Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro, Charles Guimarães, informou que haverá reunião com o comandante do Batalhão da Maré e com o delegado da 21ª DP - Bonassento. "Vamos esperar que a justiça seja feita. A violência com a qual ele foi morto, com o rosto totalmente deformado, mexeu muito com todos nós. A ONG Uerê e a associação de moradores estarão juntos nessa luta", afirmou Charles.

Iniciar

05.12.2008⁶⁷

MATHEUS, DE 8 ANOS, É ASSASSINADO POR POLICIAIS NA PORTA DE CASA

POR SILVANA SÁ E GIZELE MARTINS – JORNAL O CIDADÃO, RENAJORP.
FOTOS: NALDINHO LOURENÇO/IMAGENS DO POVO

Hoje (5/12) por volta das 10h, Matheus Rodrigues, de 8 anos, foi sepultado. Moradores e familiares inconformados levaram cartazes protestando o descaso, a falta de políticas públicas de segurança pública do Rio de Janeiro, outros vestiram a camisa do “Movimento Pela Vida Contra o Extermínio”. Logo depois, já na comunidade da Maré, um grupo de pessoas em manifestação caminhou por algumas ruas, parando por alguns minutos em frente ao Posto Policial, 22º BPM.

MORADORES NÃO OUVIRAM TROCA DE TIROS

Por volta das 8h do dia 4 de novembro, Matheus Rodrigues, de 8 anos, foi executado pela Polícia Militar, na Baixa do Sapateiro, Complexo da Maré. O menino morreu com um tiro no rosto. Familiares e testemunhas afirmam que não houve troca de tiros. Matheus saía de casa para comprar pão. Ele estava caído junto ao muro, sentado, com uma moeda na mão. Moradores revoltados não deixaram o corpo ser retirado do local pelo Corpo de Bombeiros. “Exigimos a presença de um perito”, gritavam.

O deputado estadual e presidente da Comissão de Direitos Humanos da Alerj, Alessandro Molon, esteve no local. Ele afirmou que a Comissão prestará assessoria jurídica para a família. “Vamos acompanhar a investigação desse caso até o final. É inaceitável que isso aconteça”, lamentou. Molon informou que a Comissão de Direitos Humanos já está à disposição da família e que fará tudo o que estiver ao alcance para que os responsáveis sejam punidos.

Por volta das 10h, peritos do Instituto de Criminalística Carlos Éboli chegaram ao local. A família estava sem condições de dar entrevistas. A mãe e a avó do menino precisaram de atendimento médico. A comoção tomou conta dos moradores, que choravam a morte trágica da criança.

REVOLTA DOS MORADORES

Um grupo de moradores gritava por justiça em frente ao Posto Policial Comunitário (PPC) da Baixa do Sapateiro. Um caveirão estava estacionado em frente ao posto. Inicialmente os policiais reagiram com tiros para cima. Depois, o major responsável pelo PPC ordenou que os policiais parassem de atirar. “Ninguém dispara, ninguém, joga bomba”, avisou. Moradores traziam faixas e cartazes exigindo justiça, chamando os policiais de assassinos e pedindo respeito com os moradores.

Um menino de 8 anos, estudante da Escola Municipal IV Centenário, localizada na Baixa do Sapateiro – ao lado do PPC –, estava assustado no meio da confusão. “A polícia só vem para matar crianças”, afirmou.

O presidente da Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro, Charles Guimarães, informou que haverá reunião com o comandante do Batalhão da Maré e com o delegado da 21ª DP – Bonsucesso. “Vamos esperar que a justiça seja feita. A violência com a qual ele foi morto, com o rosto totalmente deformado, mexeu muito com todos nós. A ONG Uerê e a associação de moradores estarão juntos nessa luta”, afirmou Charles.

⁶⁷. <http://www.fazendomedia.com/2008/movimentos20081205.htm>

O episódio, que, como já foi dito, está longe de ser caso isolado na Maré ou na maior parte das favelas do Rio de Janeiro, foi paradigmático em diversos sentidos e talvez por isso tenha inspirado diversas menções e análises⁶⁸. Em primeiro lugar, o fato de ter sido uma criança de apenas 8 anos tornou ainda mais concreta e evidente a violência e a injustiça sofrida cotidianamente por moradores(as), e em especial por jovens, das áreas populares e favelas na relação com a polícia. Aqui, não será possível uma análise aprofundada da violência policial e da relação entre polícia e pobres no Rio de Janeiro, no entanto, há uma vasta bibliografia sobre o tema. Nesse caso, o fato de o corpo de Matheus ter sido fotografado por um fotógrafo-morador do local, e de as fotos que fez terem sido solicitadas até pela perícia parecem elementos de distinção com relação a outros episódios semelhantes. Nesse mesmo sentido, a rede de mobilização política e de comunicação existente na Maré permitiu que a notícia não fosse dada apenas pelos grandes meios de comunicação a partir dos relatos oficiais (ou seja, da polícia, que também nesse caso iniciou suas falas afirmando que se tratava de traficante, o que, no Rio de Janeiro, e do ponto de vista de parte da sociedade carioca, torna legítima ou ao menos plausível a execução de – jovens – moradores das áreas pobres).

Gizele Martins, jornalista e uma das responsáveis pelo jornal comunitário ligado ao Ceasm, O Cidadão, analisou em seu trabalho de final de curso de Comunicação Social (PUC/ RJ)⁶⁹ os discursos veiculados pelo jornal em questão e por meios de comunicação comerciais com relação ao caso Matheus e à morte de outro jovem poucos meses depois⁷⁰. No decorrer de seu trabalho, ela compara as matérias do jornal comunitário, que buscam o contexto do ocorrido, situando-o a partir da visão dos(as) moradores(as) e do conhecimento dos atores envolvidos e do cotidiano da comunidade com a abordagem feita por grandes jornais comerciais e populares que, de acordo com ela, fortalecem estereótipos com relação à favela e a seus moradores, reforçando a sensação de uma “guerra” em curso que justificaria o tipo de ação policial vigente nas políticas de segurança concebidas para a cidade e suas áreas populares. A análise de Martins nos aponta para a necessidade de elaboração de outras narrativas sobre episódios vividos por moradores(as) de favelas, onde a interdição a direitos humanos básicos é frequente, usualmente vistos pela mídia comercial como lugar de estigmas reforçados por discursos de “atores oficiais” (como a polícia) e de jornalistas que, muitas vezes, nunca entraram em uma área favelada ou, se entraram, vêem-na como parte externa à cidade.

Neste contexto, e neste caso em especial, as fotos feitas pelo fotógrafo da Maré, Naldinho Lourenço, são elemento fundamental para a compreensão do fenômeno e para a possibilidade da construção de um discurso “contrahegemônico” (seguindo a linha analítica de

68. Encontrei três menções/análises deste episódio: dois feitos por moradoras da Maré (e também pesquisadoras), atuantes nas redes de Direitos Humanos e Comunicação Comunitária que estiveram diretamente envolvidas no episódio de diferentes formas (Eliana Sousa Silva e Gizele Martins), além da tese de Fabiene Gama (2012) sobre fotodocumentação e participação política, que incorpora a análise do episódio em sua reflexão sobre a construção da militância entre os fotógrafos do Imagens do Povo.

69. MARTINS, Gizele de Oliveira. *Cidadãos e vítimas: a representação de dois crimes nos jornais cariocas*.

70. Trata-se de Felipe Correia de Lima, de 17 anos, morto no dia 14 de abril de 2009, sentado à porta de casa, com um tiro de fuzil por policiais civis, de acordo com relato de testemunhas, que também se recusaram a prestar socorro enquanto ainda estava com vida. Assim como no caso do assassinato de Matheus, a morte de Felipe gerou revolta e protestos por parte dos(as) moradores(as).

Martins), bem como para criação de uma narrativa a partir da autor-representação dessas pessoas. Ainda que a violência seja um tema evitado pela maior parte dos fotógrafos do *Imagens do Povo* por conta da grande carga de estigmatização e de risco envolvidos⁷¹. Este caso permite ver que, mesmo tendo em vista um tema complexo e cercado de forte carga simbólica, é possível a construção de outras imagens a partir dele quando outros pontos de vista são trazidos à tona.

Neste caso, portanto, as Novas Tecnologias aí presentes são a câmera digital e a Internet. Ainda que, em 2008, as redes sociais não tivessem a mesma relevância, os *blogs* e *sites* de ONGs e mídias alternativas cumpriram o importante papel de reverberar o caso a partir do ponto de vista de Naldinho, Gizele e outros moradores. O fato de eles serem pessoas já envolvidas com as dinâmicas relacionadas à comunicação comunitária e aos direitos humanos teve papel determinante tanto no conteúdo produzido sobre o ocorrido como sobre os meios disponíveis para a circulação da informação, a partir de redes sociais virtuais e não virtuais.

Ao descrever o acontecido a partir de informações disponibilizadas por Naldinho em entrevista, Gama (2012)⁷² revela que, quando soube que havia morrido uma criança na mesma favela onde morava dentro da Maré (Baixa do Sapateiro), Naldinho enviou um *e-mail* avisando sobre o ocorrido para militantes de direitos humanos e se dirigiu para o Ceasm. Foi lá que soube mais detalhes sobre o assassinato e que tomou a decisão de ir ao local fotografar.

“Por ironia e despreparo, a perícia da polícia não contava com um fotógrafo no local, e coube a Naldinho registrar algumas imagens do cadáver de Matheus. (...) Prevalecendo-se da proximidade com a cena do crime, contudo, Naldinho aproveitou a oportunidade para fazer algumas fotos ‘para ele’, notadamente a foto onde o corpo de Matheus está coberto com um tecido e vemos apenas sua mão do lado de fora, segurando uma moeda de um real. Após o registro, e ainda no calor da emoção, voltou para o Ceasm e, a fim de prevenir que a polícia acusasse Matheus de ser um traficante de drogas, enviou suas fotos para vários ativistas de direitos humanos e jornalistas de mídias alternativas. (...) A pouca idade de Matheus somada às fotos produzidas por Naldinho foram fatores que ampliaram a comoção em torno do caso. Suas fotos serviram como prova da violência praticada pela polícia nas favelas, e como indício de que as incursões da Polícia Militar nessas áreas causam perdas que não poderiam ser enquadradas nos já banais “autos de resistência”. (Gama, 2012, p. 240)

As fotos de Naldinho foram enviadas com texto escrito por Gizele Martins e Silvana Sá. Após a divulgação, tornaram-se referência para falar sobre o ocorrido para representantes de meios de comunicação e para organizações da sociedade civil. A imagem que mais circulou nesta

71. Para uma análise aprofundada sobre o debate acerca da violência entre os fotógrafos do *Imagens do Povo*, ver Gama (2012).

72. Agradeço imensamente à Fabiene Gama por ter disponibilizado sua tese de doutorado como fonte para a pesquisa na mesma semana de sua defesa. Sem ela, seria muito difícil recuperar os elementos aqui reunidos para análise ou mesmo pensá-la nos termos aqui abordados.

oportunidade foi aquela da mão de Matheus segurando uma moeda de R\$ 1: ela foi publicada em diversos jornais e revistas dentro e fora do Brasil, circula em diversas mídias alternativas e é usada em relatórios de denúncia de violações de direitos humanos por organizações da sociedade civil até hoje. De acordo com Gama (2012), as imagens produzidas por Naldinho na ocasião até hoje (quatro anos depois) “aparecem entre as primeiras apresentadas pelo Google Images empesquisa com as palavras-chave ‘assassinato Matheus Maré’”. (p. 251) Além das imagens feitas logo após a morte da criança, Naldinho também documentou seu enterro, focando na dor de sua família e na mobilização de moradores(as), assim como manifestações da população local revoltadas com o ocorrido.

Após esse episódio, Naldinho continuou a fotografar outros casos de violência policial na tentativa de dar as “verdadeiras versões” dessas histórias. No entanto, o caso da morte do jovem Felipe Lima, de 17 anos, meses depois, fez com que ele e Gizele sofressem ameaças⁷³. Além disso, uma apropriação do texto de Gizele e outros (Renata Souza e Douglas Batista) sobre esse caso, com as fotos de Naldinho, inicialmente publicados no *site* Fazendo Media e reproduzidos no *site* de um jornal de grande circulação (O Globo) por um jornalista de uma ONG de direitos humanos externa à comunidade em questão em busca de visibilidade para o fato, acabou por expor os autores da matéria e das fotos, gerando desconforto e mais medo⁷⁴.

Em sua análise sobre as experiências de Naldinho e também de fotógrafos de um grupo em Bangladesh, Gama argumenta que “documentar a violência sofrida por grupos sensíveis em tempos de instabilidade, e de ‘dentro’, por atores ‘no campo’, é delicado por colocar suas próprias vidas em risco”. (p. 262) A violência compõe uma seara de muitos desafios para moradores(as) de favela e produtores(as) de informações e narrativas sobre elas. Se, por um lado, temem serem enredados por um discurso dominante que associa favela ao crime, à violência, à guerra ao buscarem denunciar a mais grave das violações de direitos em curso por agentes do Estado, também temem sofrer ameaças e retaliações. A delicadeza de que fala Gama acaba fortalecendo uma saída para quem busca representar sua realidade e se autorrepresentar a partir de outras imagens e narrativas, buscando no cotidiano, na cultura, no comum, e não no espetacular, uma forma de divulgar um lado das favelas que os grandes meios de comunicação costumam ignorar ou dar pouca importância. A violência, neste caso, fica em segundo plano e passa a ser alvo de produção de discursos alternativos em certos casos e com muita cautela, buscando estratégias múltiplas, garantindo que o quê está sendo dito e mostrado não será alvo de espetacularização (neste sentido, a mídia comunitária e alternativa se apresenta como caminho possível), bem como garantir a segurança de quem produz e divulga tais visões com o amparo de ONGs locais e de fora da comunidade, por exemplo, como apontado por Gizele.

⁷³. Gizele contou as ameaças sofridas por ela e Naldinho em entrevista para, em seguida, dizer “É por isso que a gente tem que ter a galera de fora como nossa aliada, né. A gente não coloca nosso nome, mas aí precisa de alguém de fora para denunciar, então são essas organizações de direitos humanos que têm esse papel”.

⁷⁴. “Ao tomar conhecimento do texto, que fornecia não apenas informações sobre o ocorrido, mas também sobre o próprio fotógrafo, contando que ele se sentia ameaçado e com medo, Naldinho ficou enfurecido, ligou para a ONG e exigiu a retirada das informações da internet, ameaçando-os de processo”. (Gama, 2012, p. 255)

OCUPA BOREL ÀS NOVE 5 DE DEZEMBRO

#OCUPABORELAS9 E #OCUPAALEMÃOAS9⁷⁵: NOVAS LINGUAGENS DE MOBILIZAÇÃO EM FAVELAS E ENTRE JOVENS CARIOCAS

Ocupa Borel e Ocupa Alemão aconteceram no dia 5 de dezembro de 2012 nas favelas do Borel e do Alemão. Ambas atividades tiveram como objetivo central a denúncia de violações de direitos por parte de policiais vinculados às UPPs – Unidades de Polícia Pacificadora –, por meio da reapropriação do espaço público das favelas por seus(suas) moradores(as). Toda a divulgação da atividade, feita pelo Facebook, buscava afirmar que a ideia havia partido de jovens moradores(as), e não de grupos organizados ou entidades locais. Ainda que diversos desses(as) jovens fizessem parte de grupos ou organizações, pretendeu-se dar um caráter “não institucional” à iniciativa, que estaria muito mais expressando um descontentamento de jovens moradores(as) perante recentes ações da chamada “polícia pacificadora”, e não uma posição de uma ou outra organização⁷⁶.

A atividade foi pensada, inicialmente, por dois jovens moradores das duas favelas, um deles, Diego Santos, entrevistado pela presente pesquisa. De acordo com Diego, ele e o jovem do Alemão, que iniciou o processo para a organização da atividade, haviam trabalhado juntos e compartilhavam descontentamentos com relação a condutas de policiais das UPPs das favelas em questão. No caso específico do Borel, que pude acompanhar mais de perto e participar da ocupação, houve, na semana anterior, um toque de recolher imposto aos(às) moradores(as) e compartilhado por Diego em seu perfil no Facebook no dia 29 de novembro, já com a proposta de ocupação:

Acabo de chegar de Brasília onde tive a oportunidade de ver um marco. O lançamento do Plano Juventude Viva⁷⁷, de combate ao extermínio da juventude negra, e é claro que com muitos jovens pobres e negros reunidos, não faltaram histórias reais de arbitrariedades da polícia. Ao chegar no Borel me deparo com um verdadeiro deserto. Novidade: TOQUE DE RECOLHER dado pela corporação policial que está por aqui. Carros subindo e descendo em alta velocidade com armas para fora na única estrada que é acompanhada de uma ENORME calçada (ironia). Enfim, as favelas “pacificadas” agora são territórios DOMINADOS pela polícia. É a lógica para os pobres, vigilância excessiva, controle dos direitos e arbitrariedades sem fim. E é por isso que na próxima quarta-feira, 5 de dezembro, vamos ocupar as ruas do Borel às 21h da noite. É o OCUPA ÀS NOVE BOREL!

Interessa aqui não apenas o fato de terem elaborado uma rápida resposta ao que foi lido por ele e por um grupo de pessoas nas duas comunidades como violação de direitos, mas também o fato de terem se apropriado de uma expressão (“Ocupa”) que, em 2011, foi amplamente usada em todo o mundo como modo de fazer política contra o sistema,

75. Ambos eventos ocorreram simultaneamente no dia 5 de dezembro de 2012, dia em que organizamos a atividade de devolução para os(as) jovens entrevistados(as) de junho a setembro pela presente pesquisa. Pela relevância da atividade e envolvimento de alguns(mas) entrevistados(as), o que facilitou o acesso a informações sobre a atividade, optou-se por incluí-la, ainda que tardiamente, ao presente relatório.

76. Ainda que possa parecer pouco relevante, esta questão foi alvo de esclarecimentos durante e após o evento em postagens no Facebook. Tratou-se, portanto, de estratégia consciente e buscada pelos(as) jovens envolvidos, que pode ser compreendida a partir do cenário de possíveis disputas e diferenças entre organizações e grupos locais, mas também de projeção de uma vontade dos(as) moradores(as), algo que poderia ser compreendido fora e dentro da localidade como mais amplo e legítimo (ainda que os vínculos e trajetórias dos convocadores seja central para conferir legitimidade à ação e alcançar a mobilização desejada dentro e fora).

77. O Plano é iniciativa da Secretaria Nacional de Juventude e Diego havia estado em seu lançamento como parte de atividades relacionadas ao Conselho Nacional de Juventude, do qual é membro representando o Instituto de Estudos de Religião (Iser), organização da qual faz parte.

OCUPA ALEMÃO ÀS NOVE 5 DE DEZEMBRO

o mercado financeiro, o capitalismo. Os atos de ocupação ocorridos em 2011, e iniciados com o *Occupy Wall Street* em Nova Iorque, da perspectiva dos(as) moradores(as) de favela, foram atividades de classe média (sobretudo, se pensamos nos(as) jovens que inicialmente organizaram ocupações em diferentes cidades do Brasil). No entanto, sua força como expressão de descontentamento com o *status quo* serviu para que fosse utilizada para ressignificar o espaço público também nas favelas. Ao contrário dos Ocupas originais, no entanto, não se tratou de uma tomada continuada de certa localidade com acampamento em alguma praça ou local público dessas favelas, mas de uma ação pública pontual que tomou aqueles espaços por algumas horas com falas públicas, música e outras expressões culturais.

A rede social Facebook teve lugar estratégico nessa ação. Além de ser o espaço de divulgação por excelência a partir de postagens constantes e de múltiplos compartilhamentos dos cartazes (anteriormente mostrados) feitos por Diego (o do Borel, a partir do perfil dele, teve mais de 250 compartilhamentos do dia 29 de novembro a 5 de dezembro), também foi palco de debates durante a divulgação e depois dela, onde se explicitaram disputas e foram cobradas posições públicas sobre o maior ou menor envolvimento de pessoas públicas na divulgação e participação do evento. Esses debates constituíram-se como fóruns em que os(as) jovens buscaram reforçar a ideia da iniciativa individual de jovens moradores das localidades e fugir de apropriações de suas ações por tal ou qual ator que poderia falar “em nome” das favelas ou da juventude favelada.

Na divulgação da atividade no Alemão, além de reforçar a aliança das atividades entre as favelas envolvidas, também se optou por reivindicar a criação de uma comissão que pudesse auxiliar na mediação de conflitos entre polícia e moradores com representantes institucionais e dos moradores (jovens), como pode ser visto no texto a seguir, que acompanhou parte da divulgação da atividade do Alemão.

Algumas ações tomadas pela força armada do estado a famosa “Polícia Militar” vem assombrando e aterrorizando as favelas do RIO, queremos respeito e direitos assegurados já que o ESTADO é responsável pela segurança em FAVELAS PACIFICADAS, casos como o ocorrido no COMPLEXO DO ALEMÃO E BOREL quase que simultaneamente mostra a fragilidade das políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. O evento será na praça do Conhecimento às 21:00 horas. A FAVELA É NOSSA! SOMOS OU NÃO UM RIO?⁷⁸ (Perfil de Thamyra Thamra, 5 de dezembro de 2012)

78. O “somos ou não um Rio” faz referência ao slogan (Somos Um Rio) do atual prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, durante as últimas eleições municipais, em outubro último, nas quais foi reeleito por mais quatro anos a partir de 2013.



Post de Thamyra Thamara (moradora do Alemão) em 4 de dezembro:

A juventude do Complexo do Alemão convoca todos para estar nessa quarta-feira, 05/12 às 21hs, na praça do conhecimento da comunidade Nova Brasília para o Ocupa Alemão.

Será um ato simbólico de reconhecer e legitimar os moradores da favela como donos de seu próprio território. O objetivo do ato é estreitar o diálogo da juventude com o poder policial, buscando por meio desse diálogo, minimizar os impactos e esclarecer aos moradores seus direitos e deveres como cidadãos.

O encontro acontece simultaneamente no Borel, as duas favelas unidas em prol do desejo de respeito e segurança por parte do estado. Uma juventude que deseja um diálogo aberto sem abusos de poder, sem toque de recolher, e sem censura as práticas culturais da comunidade, como os bailes, encontros na praça, entre outros.

Participe desse momento conosco. Caso você presencie algum abuso de poder ou violação de direitos, fotografe e mande para a gente com a Hashtag #OcupaALEMÃO. Juntos por um Rio de direitos!

Maycom Brum, Helcimara Lopes, Raull Santiago, Daniel Correa, Filipe DenTin, Alexandre Correa, Rocco Prod Sam, Luciano Garcia, Nathalia Menezes, Rene Silva e amigos!

Os exemplos dados anteriormente são alguns dentre muitos a partir das postagens feitas por seus organizadores em menos de uma semana. O uso das *hashtags* como estratégia de mobilização e visibilização da atividade deixa ainda mais evidente a utilização (e invenção) de uma forma atual de se fazer política a partir de velhas questões: o descontentamento com a ação policial em favelas.

Tanto Diego como Thamyra e Maycom (três dos jovens envolvidos na organização do evento e entrevistados por nós durante a pesquisa) estiveram presentes na atividade de devolução que antecedeu em algumas horas o Ocupa. Ao chegar no local combinado por nós, Thamyra e Maycom perguntaram sobre acesso à Internet no local pois, enquanto participavam de nossa atividade, continuariam organizando e mobilizando a deles. Tanto Thamyra como Diego mantiveram-se *online* durante a oficina de devolução. No momento da ação no Borel e no Alemão, havia *laptops* no local das atividades onde Diego e sua irmã, no caso do Borel, e Thamyra, no caso do Alemão, alimentavam seus perfis no Facebook com informações em tempo real sobre ambas ocupações.

No Borel, onde tive a oportunidade de estar presencialmente, a atividade reuniu mais de 150 pessoas, em sua maioria, moradores(as) da localidade, mas também pesquisadores(as) com histórica relação com o local, pessoas de partidos de esquerda e de movimentos sociais, além de jornalistas das mídias comercial e alternativa. Iniciada pouco antes das 21 horas, do lado de fora do Ciep que fica no “pé do

morro” (de acordo com uma das organizadoras, a diretora da escola em questão tinha simpatia pela atividade, mas como se tratava de equipamento público do governo do Estado, não pode cedê-lo). Muitos se aproximavam enquanto algumas pessoas cantavam, sobretudo músicas de samba e *funk* que faziam menção às favelas ou ao Borel em especial. Nos vocais, o próprio Diego, MC Leonardo (da Apafunk e do Psol)⁷⁹, além de outros MCs locais, as músicas eram acompanhadas por membros da escola de samba Unidos da Tijuca. Muitos(as) jovens que seguravam cartazes com inscrições como “Ocupa Borel”. Ocorreram, também, diversas falas de moradores(as), representantes de diversas organizações locais, como a associação de moradores e a Jocum (Jovens com uma Missão, organização religiosa). Já quase às 22 horas, as pessoas presentes atravessaram a rua São Miguel e subiram a favela pela via principal cantando e dançando até o Terreirão, onde houve mais música e dança, além de novas falas. Saí de lá às 22h40 e a atividade ainda não havia terminado. Seus organizadores, entre eles Diego, estavam muito satisfeitos com a ampla adesão de moradores(as) e com o que consideraram sucesso da atividade.

Durante todo o tempo em que estive lá, havia uma viatura com policiais armados bem próximos à concentração de pessoas e, após a subida do morro, diversos policiais em pé próximos ao Terreirão. E também, diversas pessoas filmando, incluindo grandes meios de comunicação⁸⁰. Além de representantes de meios alternativos de comunicação, como o Vírus Planetário, que também fez uma matéria a respeito da ocupação⁸¹. Após a atividade circulou, ainda, texto de jovem do projeto Correspondentes da Paz, do qual Diego Santos é coordenador, sobre o assunto⁸². Outras muitas *postagens* foram feitas pelo próprio Diego e por outras tantas pessoas que lá estiveram (incluo-me entre elas) em seus respectivos perfis no Facebook.

No Borel, muitas das falas ao microfone reforçaram os aspectos pacífico e cultural da atividade, por vezes tomando para si o conceito de “civilidade” utilizado pelo Estado, e, em especial, por representantes da Secretaria de Segurança Pública, para se referir ao processo de pacificação das favelas cariocas. Uma das pessoas que estava liderando a atividade, Mônica Francisco, pessoa de referência no local e mãe de Diego, havia estado uma semana antes em um seminário promovido, entre outras organizações, pelo Ibase, fazendo críticas públicas à política de pacificação. Há, portanto, uma constante desconfiança por parte de moradores(as) sobre as reais possibilidades de crítica às ações do Estado. Mônica também utilizou o Facebook para cobrar esclarecimentos sobre o toque de recolher (no dia 29 de novembro, mesmo dia em que Diego fez os primeiros relatos e iniciou a divulgação para o Ocupa Borel):

79. Apafunk é uma organização de MCs e produtores de funk e Psol é o Partido Socialismo e Liberdade, dissidência do Partido dos Trabalhadores, criado em 2004 e pelo qual Mc Leonardo se lançou candidato a vereador nas últimas eleições municipais.

80. O jornal O Dia fez uma matéria sobre a atividade que, no dia seguinte, foi amplamente divulgada por Diego e outras pessoas que lá estiveram pelo Facebook. Acredito que isso se deu graças à abordagem da matéria, bastante simpática à visão dos moradores: <http://odia.ig.com.br/porta/rio/moradores-do-borel-contra-toque-de-recolher-1.523023>

81. <http://www.virusplanetario.net/ocupa-borel-resistencia-e-alegria/>

82. <http://www.correspondentesdapaz.com.br/2012/05/29/ocupa-borel>

Aos companheiros e companheiras da Secretaria de Direitos Humanos que atuam no Borel. Queremos solicitar que se proponha ao comando Geral da UPP, comando local, esclarecimento à sociedade que mora no Borel, os motivos pelo qual fomos obrigados à não sair de casa á partir das 9:00 da noite. Queremos todos os esclarecimentos possíveis, inclusive, legitimidade da ação dos policiais que estavam no plantão, tão temido por jovens e adultos. Desde já fica aqui a indignação, vontade de parar o relatório que estou fazendo, bater de porta em porta, como fiz na época da chacina de 2003 com outros companheiros e companheiras e ocupar as ruas do Borel até o alto do Morro, gritando, devolvam nosso território. Mas, conto com o apoio de vocês e de todas e todos os companheiros do face. Será uma retaliação ao Seminário???

Para além da mobilização, a atividade gerou uma série de relatos e imagens compartilhadas no Facebook por diferentes redes ligadas a moradores(as) do Borel, pesquisadores(as), organizações de direitos humanos, partidos de esquerda etc. As imagens (também do Alemão) buscaram enfatizar a cultura dos locais e as falas positivas acerca das favelas. O famoso *funk* “Rap da Felicidade” (de autoria dos MCs Cidinho e Doca) foi um dos preferidos durante a atividade, reafirmando que quem lá mora “só quer ser feliz, andar tranquilamente na favela em que nasceu, e poder se orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar”.

No Alemão, pelas fotos compartilhadas, parece ter havido presença bem menor de moradores(as) e pessoas de fora. Na noite que antecedeu a atividade, um policial havia sido baleado na favela, o que pode ter gerado um clima de maior tensão e de desmobilização. Ainda assim, os organizadores conseguiram divulgar o abaixo-assinado pedindo a criação de uma comissão para mediar a relação entre moradores(as) e policiais da UPP. Thamyra e outros jovens envolvidos compartilhavam fotos das atividades de música, dança etc. realizadas, além de pessoas assinando o documento:

Durante décadas o Estado não reconheceu os territórios, hoje então ocupados, como parte integrante da cidade, negando aos seus moradores uma cidade de direitos. Hoje depois de 2 anos de ocupação da segurança pública no território, percebemos que ainda temos um longo caminho a seguir na garantia de direitos básicos como: - direito a exercer e produzir práticas culturais em seu território, direito a produzir representação social, direito a liberdade de expressão, direito a liberdade de ir e vir, não violação do domicílio, esclarecimento de mortes, entre outros.

O #OcupaALEMÃO é um ato pacífico que tem como objetivo estreitar o diálogo entre a juventude e o poder de segurança pública no território, com o intuito de minimizar os impactos de confronto, desrespeito, desacato e abuso de poder.

Como juventude favelada, do Complexo do Alemão, propomos a criação de um comitê, formado pela sociedade civil organizada e moradores, com o intuito de mediar conflitos entre a polícia e a juventude. Esse comitê será responsável em receber possíveis denúncias de desrespeito ao morador, violação do lar, abuso de poder, ameaças, entre outros . E repassar as denúncias para a Unidade de Polícia Pacificadora -UPP, por meio de um diálogo para melhorias.

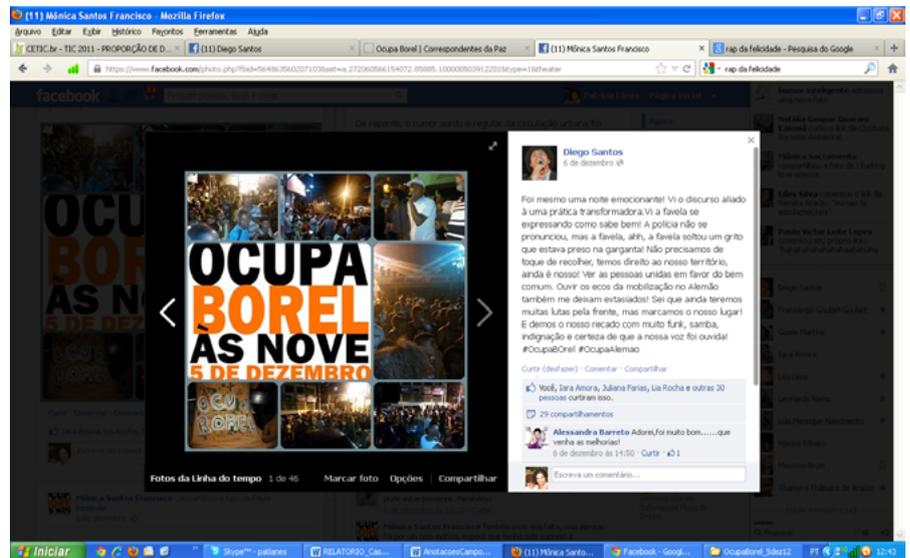
Tendo em vista que violação de direitos acontecem todos os dias nas favelas do Rio de Janeiro e o morador, em sua maioria, não tem para quem denunciar. E quando existe uma instância de poder no território ele se sente intimidado. Como denunciar a polícia para a própria polícia? Portanto esse comitê formado pela sociedade civil organizada e moradores, será uma ferramenta de mediação de conflito dentro da comunidade⁸³.

Com a repercussão das atividades, sobretudo no Borel, policiais e comando da polícia foram procurados por moradores(as) e meios de comunicação para explicar o toque de recolher. Por outro lado, Mônica relatou, dias de depois, um incidente ocorrido no Borel em que a manifestação é usada em tom de ironia por policial:

Os policiais zombando da minha vizinha, aqui no Borel, que manteve o filho adolescente conversando com seus amiguinhos em uma área próxima de sua casa, refutando a ordem do policial que mandava seu filho e outros adolescentes entrarem para suas casas. Ela disse que era a mãe e quem mandava em seu filho era ela. Ao ouvir isso o policial saltou a seguinte máxima com deboche peculiar, "Vai fazer passeata também?!" (Perfil de Mônica Santos Francisco, dia 13 de dezembro de 2012)

O relato de Mônica explicita a relação hostil entre policiais e moradores(as) e a disputa entre concepções distintas sobre ordem e ocupação do território. Neste contexto, o "Rap da Felicidade", com quase 20 anos de existência, continua fazendo sentido para os(as) moradores(as) de favela que reivindicam seu direito à felicidade e ao seu local de moradia. O direito ao território, mais que o direito à moradia, aqui se traduz como direito a certo modo de vida, a uma apropriação e a uma história construída na favela em que, como dizem muitos, "nasceram e foram criados". No Facebook, boa parte dos vídeos compartilhados contavam com essa trilha sonora, que expressou os desejos compartilhados e enaltecidos por moradores(as) e demais ocupantes durante o OcupaBorel:

⁸³. <http://thamyathamara.blogspot.com.br/2012/12/carta-da-juventude-do-complexo-do.html>



Os casos aqui brevemente descritos não se pretendem exemplares. Na realidade, significam uma pequena expressão da ampla utilização que vem sendo feita por moradores(as) de favelas das novas tecnologias, em especial para mobilização social e denúncia de violações de direitos. Como tem sido dito desde o princípio deste relatório, mesmo nos casos em que tais tecnologias parecem ter tido maior centralidade, é possível perceber – também nesses breves relatos – que há um contexto bem mais complexo de relações e apropriações que, em articulação, vão ajudar a determinar os desdobramentos e mesmo as possibilidades e limites de tais usos. A Internet, as câmeras e os celulares, NTICs mais presentes nos casos aqui descritos, parecem contribuir para a reconfiguração das práticas políticas em certos contextos entre jovens (e pessoas em geral) das classes populares, em especial nas favelas cariocas. Como fica evidente no último caso (do #OcupaBorel e #OcupaAlemão) para além dos meios, há também uma mudança na forma de se conceber a ação política. Neste sentido, é possível falar em certa ampliação de repertório de práticas políticas em que esta geração de pessoas tem um lugar decisivo. Ainda assim, tal ampliação está, também, associada à ressignificação de outras tantas práticas que podem ser lidas como “tradicionais”, como a ocupação de espaços públicos, caminhadas, denúncia de violações pelos meios de comunicação de massa ou de organizações da sociedade civil.

TUDO JUNTO E MISTURADO: QUESTÕES FINAIS

Há algumas questões que merecem ser recuperadas nesta parte final. Não se pretende esgotar as possibilidades de análises aqui levantadas, mas deixar algumas reflexões e questões finais que podem ser retomadas e aprofundadas.

O primeiro aspecto que merece ser recuperado é relativo à questão da juventude. Ainda que, como foi dito no início deste relatório, não seja a identidade jovem que mobiliza estes atores⁸⁴, e nem mesmo a circunscrição etária a algo que possa ser percebido como juventude caiba aqui, é importante insistir no aspecto geracional deste estudo. Ou seja, há características geracionais que não devem ser desprezadas e das quais o acesso mais popularizado às Novas Tecnologias é apenas uma dimensão.

Outras como o sem-número de organizações não governamentais com foco na comunicação que ocupam diversas favelas do Rio de Janeiro e se voltam para jovens sob a forma de projetos ou cursos; a deslegitimação progressiva das associações de moradores como porta-vozes únicos das favelas; a busca, pelo Estado e pela sociedade civil, por políticas com foco no território; a criação e disseminação de discursos nos quais as favelas buscam ser afirmadas como parte da cidade e seus(suas) moradores(as), portadores de direitos; a cultura do medo e da violência; a estigmatização de favelas e espaços populares, e especialmente de seus(suas) jovens moradores(as); o “medo de morrer” e o “medo de sobrar” no mercado de trabalho, comum entre determinada geração de jovens pobres; assim como a consolidação de traços culturais comuns entre diferentes periferias do Brasil e do mundo (como a cultura Hip Hop) são aspectos de um contexto socio-cultural mais amplo, circunscrito historicamente, que contribui para criar possibilidades e constrangimentos para as ações individuais e coletivas das pessoas aqui tomadas pela pesquisa (todas moradoras de áreas populares e produtoras de ações e narrativas sobre a favela concretizadas também pela Internet e se utilizando de outras ferramentas tornadas disponíveis recentemente – celulares, câmeras de fotografia e de filmagem digitais etc.).

O acesso às Novas Tecnologias se dá de forma diversa entre os(as) entrevistados(as) e as famílias, escola e organizações nas quais estão ou estiveram envolvidos(as) parecem ter desempenhado papel relevante, ainda que o interesse individual e a busca por novos conhecimentos relacionados à comunicação tenham peso importante no investimento deste uso. As trajetórias de militância, escolar/ universitária e profissional se combinam na continuidade deste acesso e no aprimoramento de seu uso. Por outro lado, o fato de saberem utilizar tais tecnologias também parece ter pesado em alguns casos para sua trajetória profissional, universitária e de militância/ trabalho social. No entanto, sem a popularização recente dessas tecnologias, e, sobretudo, de computadores, celulares, câmeras e acesso à Internet,

⁸⁴. O fato de serem jovens só aparece com certa força na organização do #OcupaBorel e #Ocupa-Alemão onde esta identidade confere certa unidade pública àqueles(as) que convocam as atividades.

seria impossível um investimento pessoal ou familiar na busca pelo acesso a elas. Ainda que precária e desigual, a ampliação do acesso a tais tecnologias que, como já foi dito, envolve a presença de diferentes mediadores (aí incluídos família, escola/universidade, organizações sociais, mas também o mercado) tornam mais possível para uns do que para outros estes usos. Além de contribuírem para conformar o tipo de uso que será feito por eles (como esferas de influência que são combinadas por cada indivíduo de múltiplas formas, podendo resultar em um sem-número de apropriações e discursos).

Como parte deste cenário ou contexto, talvez um dos elementos mais recentes seja a conformação de uma política de segurança pública que gira em torno da ideia de “pacificação” (as UPPs), que adota o imaginário da guerra a partir do qual se impõe a missão de levar paz (e civilidade) a territórios de conflito armado. Tal política tem tido forte rebatimento sobre a percepção dos territórios favelados a partir da lógica binária entre “pacificadas” e “não pacificadas”, em que muito comumente as últimas se tornam invisíveis para Estado e setores da sociedade civil organizada. Além disso, (re)orienta a percepção do restante da sociedade da cidade sobre estes territórios, que continuam sendo vistos sob a ótica da violência e da ausência até a chegada do Estado (representado pela Polícia Pacificadora) e para o qual os meios de comunicação comercial têm tido papel fundamental para criar a percepção de uma “polícia” salvadora.

Neste aspecto, os discursos e as imagens difundidas em *blogs* e *sites* contribuem para, por um lado, reforçar tais percepções a partir do ponto de vista legítimo de quem mora nas favelas, mas também a gerar narrativas contra-hegemônicas sobre a violência e sobre as políticas de segurança e o Estado de maneira mais ampla. Como foi visto aqui, a pluralidade, ainda que restrita, dos(as) entrevistados(as) e dos eventos analisados nos revela que entre os(as) moradores(as) de favela há diversidades múltiplas socioeconômicas, de trajetórias, engajamento, posições políticas e ideológicas que transparecem no conteúdo que geram em seus *sites*, *blogs* e redes sociais, mas também a partir das alianças que estabelecem com atores internos e externos às favelas (poder público, ONGs, movimentos sociais, grande mídia etc.), lembrando sempre que estamos aqui buscando analisar processos complexos que não comportam dicotomias simplistas, mas que devem ser entendidos a partir de um amplo espectro de possibilidades que podem ser (re)apropriadas e (re)combinadas por grupos e indivíduos.

O uso das Novas Tecnologias, e especialmente das redes sociais, parece ter relevância também na relação entre a produção de discursos individuais, coletivos e institucionais a partir da ótica de quem vive nas favelas ou de quem busca (ou é assim percebido) ser seu “porta-voz” ou representante. O título de “liderança”, tão caro a certa

geração de militantes de favelas e a representantes do poder público, é rechaçado por muitos dos(as) entrevistados que não se reconhecem nele, questionando a hierarquia das falas em alguns momentos (como nos casos de vídeo sobre a remoção do Pico/Santa Marta em que todos que falam são identificados apenas como moradores ou no #Ocupa em que os envolvidos preferem ser identificados apenas como jovens de determinada localidade). Ao ficar claro que não separam militância/trabalho social e sua vida pessoal, essa geração de pessoas evidencia que não há obrigatoriamente contradição entre indivíduo e coletivo⁸⁵, mas um *continuum* em que se produzem narrativas possíveis sobre diferentes temáticas e, neste caso em especial, sobre a favela. Nesta produção revela-se não a criação de um discurso sobre um “outro” mas, ao se tratar também de uma forma de autorrepresentação, evidenciam como gostariam que fossem eles mesmos percebidos, assim como seu local de moradia, espaço geográfico, social e simbólico a partir do qual elaboram uma dimensão importante de sua identidade social como parte da cidade, como moradores(as) de favelas.

Essa produção por vezes se associa à prática da comunicação comunitária. Mais uma vez, não há saída fácil para análise de tal relação: se por vezes busca-se a Internet e suas ferramentas como forma de continuar a produzir um conteúdo de determinado tipo em contextos nos quais não se dispõe das condições objetivas para fazê-lo de outro modo (já que para se fazer rádio comunitária são necessários os equipamentos e a concessão e para se fazer o jornal impresso são necessários os meios para impressão), é preciso se considerar que aqueles que têm acesso à transmissão de rádio via Internet ou a um jornal *online* faz parte de um público distinto (ou ao menos não inteiramente coincidente) daquele que ouve a rádio-poste ou FM ou recebe o impresso. Além disso, em alguns casos, a Internet pode mascarar os conflitos (mesmo ideológicos) existentes sobre os meios de comunicação comunitários no país, que lutam historicamente por espaço e formas de existência em meio a legislações restritivas que, constantemente, transformam comunicadores populares em criminosos⁸⁶.

Não se trata, portanto, de uma polarização entre os meios que passam pela Internet e aqueles que já existiam antes dela, mas apenas da constatação de que se tratam de formas distintas de comunicar para pessoas distintas, ainda que, por vezes, os conteúdos possam ser semelhantes. A Internet – por meio das redes sociais, *blogs*, *sites* – consegue ampliar o alcance de determinadas falas a partir da articulação entre redes de pessoas. O ato recentemente popularizado pelo Facebook de “compartilhar” virou uma maneira de dividir determinadas informações que passam pelas redes de cada perfil, mas que também podem se conectar com outras tantas redes de outros tantos perfis e chegar em lugares (e pessoas) inimagináveis até muito

85. Ainda que não haja contradição, ficou evidente, sobretudo na análise de #OcupaBorel e #OcupaAlemão, que as filiações organizacionais também podem ser negociadas em nome de outros lugares de fala – que evidenciam indivíduo em prol de outros “coletivos” (neste caso, a juventude/os jovens de determinada favela).

86. Quando a Rádio Comunitária Santa Marta foi fechada em 2011, o Repper Fiell e Antonio Carlos Peixe, músicos e ativistas que estavam no momento no local, foram levados pela Polícia Federal, além de terem tido o transmissor apreendido.



recentemente. Não se trata de um otimismo descabido (nem sempre a informação compartilhada é relevante ou positiva do ponto de vista de democracia ou da cidadania), mas esta possibilidade faz parte também deste novo cenário para uma geração que busca produzir informações, narrativas e, em certa medida, construir visibilidade para seus grupos e locais de moradia. Se há certo perigo de uma retroalimentação de redes a que já se pertence (de direitos humanos, militantes de esquerda, assuntos ligados à favela ou periferia etc.), *sites* e *blogs*, como O Cotidiano, Voz das Comunidades ou Viva Favela, são exemplos de amplificação de redes. O efeito de tal movimento é variado e depende muito do que seus idealizadores pretendem com o que produzem. Ainda assim, a imprevisibilidade e a falta de controle sobre o que é produzido parecem ter cada vez um papel mais central no que vivem e no que ainda está por vir.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *Comunicación móvil y sociedad. Una perspectiva global*. Editorial: Ariel – Fundación Telefónica, 2007.
- ELIAS, Nobert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ESCOBAR, Arturo. *Mas allá del Tercer Mundo. Globalización y Diferencia*. ICANH: Bogotá, Colômbia, 2005.
- GAMA, Fabiene. *Fotodocumentação e participação política: um estudo comparativo entre o Brasil e o Bangladesh*. Rio de Janeiro/Paris: UFRJ/PPGSA e EHESS, 2012.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. (org.) *Vida sob cerco – violências e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MAIA, Junot de Oliveira. “O Twitter de Renê Silva e a ocupação da tecnologia: o morro (do Alemão) tem vez”. *Trab. linguist. apl.* vol.51 nº 1 Campinas Jan./June 2012. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=So103-18132012000100014&script=sci_arttext
- MAGNANI, José Guilherme C. TORRES, Lilian de Lucca. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da USP; Fapesp, 2000.
- MARTINS, Gizele de Oliveira. *Cidadãos e vítimas: a representação de dois crimes nos jornais cariocas. O Cidadão, Meia Hora, Expresso, O Dia e O Globo*. Monografia de conclusão de curso. Departamento de Comunicação da PUC/RJ, 2011.
- MÁXIMO, Maria Elisa. *O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico de blogs*. *Civitas*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, jul.-dez.2007, p. 25-47.
- NAME, Leo. “Das redes às ruas: novas tecnologias de informação e comunicação, mobilização social e manifestações políticas no espaço público”. In: RHEINGANTZ, Paulo Afonso; PEDRO, Rosa (orgs.). *Qualidade do lugar e cultura contemporânea. Controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos*. Rio de Janeiro: FAU/PROARQ, 2012, p. 199-214.
- NERI, Marcelo. *Mapa da Inclusão Digital*. Rio de Janeiro: FGV, FPS, 2012.
- NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. EUGENIO, Fernanda. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 105-120.
- NOVAES, Regina Reyes. RIBEIRO, Eliane. *Livro das Juventudes Sul-americanas*. Rio de Janeiro: Ibase/Pólis/IDRC, 2010.
- RIFIOTIS, Theophilos. *Antropologia do Ciberespaço. Questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade*. Texto apresentado no XXV Encontro Anual da Anpocs (Caxambu, 2001) na mesa-redonda “A Sociedade da Informação. Reflexões teóricas e metodológicas”.
- ROCHA, Lia de Mattos. *Representações e autorrepresentações: notas sobre a juventude carioca moradora de favelas e os projetos sociais de audiovisual*. Texto apresentado no GT “Dimensões do urbano: tempo e escalas em composição”. 35º Encontro Anual da Anpocs, 24 a 28 de outubro de 2011, Caxambu, MG, Brasil.
- SILVA, Eliana Sousa. *Testemunhos da Maré*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.
- SILVA, Jailson de Souza. BARBOSA, Jorge Luiz. FAUSTINI, Marcus Vinícius. *O Novo Carioca*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela. Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ANEXOS

PERFIL JOVENS ENTREVISTADOS(AS) NO ESTUDO DE CASO “IDENTIDADE FAVELADA E O USO DAS NTICs PARA MOBILIZAÇÃO SOCIAL” (ORDEM DE REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS)

NOME	SITE/ BLOG	GRUPO/ INSTITUIÇÃO	IDADE	COR/ RAÇA	ESCOLARIDADE	LOCAL DE MORADIA	AUTODEFINIÇÃO USO INTERNET
DIEGO	Correspondentes da Paz	Iser/ Correspondentes da Paz	24	Preta	Graduação completa – Jornalismo	Borel	Muito
FRANCISCO VALDEAN	O Cotidiano	Observatório de Favelas	31	Parda	Graduação completa – Ciências Sociais	Maré	Muito
GIZELE	O Cidadão	Ceasm	27	Preta	Graduação completa – Jornalismo	Maré	Muito
THAMYRA THAMARA	(In)visíveis, Voz da Comunidade, Viva Favela, Espocc/ Observatório de Favelas etc.	Voz da Comunidade, Viva Favela, Espocc e Solos Culturais/ Observatório de Favelas	23	Preta	Graduação completa – Jornalismo	Alemão	Muito
MAYCOM BRUM	Raízes em Movimento e pessoal	Raízes em Movimento	24	Parda	Cursando o ensino médio	Alemão	Muito
DAVID AMEN	Raízes em Movimento e pessoal	Raízes em Movimento	31	Preta	Graduação completa – Jornalismo	Alemão	Muito
CAROLINA	Correspondentes da Paz	Conexão Cultural e Redes de Juventude	27	Preta	Ensino médio completo	Cidade de Deus	Muito
RICARDO	Arteiros	Arteiros, Conexão Cultural, Agência Redes de Juventude, Parceiros do RJ	23	Preta	Graduação incompleta – Teatro	Cidade de Deus	Muito
FIELL	Visão da Favela	Visão da Favela, Rádio Santa Marta	33	Parda	Ensino fundamental completo	Santa Marta	Muito
JUAN	Blog Nossa Opinião	Grupo Eco	28	Preta	Graduação completa – Propaganda e Publicidade, cursando pós-graduação	Santa Marta	Mais ou menos
RENÉ SILVA	Voz das Comunidades	Voz das Comunidades	18	Preta	Ensino médio incompleto	Morro do Alemão	Muito Muito Muito

LISTA DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS (GRUPOS, MOVIMENTOS, ONGs E OSCIPs) COM AS QUAIS OS(AS) ENTREVISTADOS(AS) ESTÃO OU ESTIVERAM ENVOLVIDOS(AS)

- **OBSERVATÓRIO DE FAVELAS** – criado em 2001, tem sede na Maré, apesar de atuar em outras favelas e em outros espaços do Rio de Janeiro e do Brasil. Foi criado por profissionais e pesquisadores com origem em espaços populares da cidade e se define como “uma organização social de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. O Observatório busca afirmar uma agenda de direitos à cidade, fundamentada na resignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas”. Entre as ações do Observatório, três se destacaram nas entrevistas e páginas virtuais pesquisadas, foram elas o programa Imagens do Povo, a Escola Popular de Comunicação crítica e o projeto Solos Culturais. Trata-se de iniciativas que compõem os projetos de Comunicação e Cultura da instituição.
- O **IMAGENS DO POVO** aparece no *site* da organização definido como centro de documentação, pesquisa, formação e inserção de fotógrafos populares no mercado de trabalho. Criado pelo fotógrafo João Roberto Ripper em 2004, seu objetivo desde a criação foi aliar a técnica fotográfica às questões sociais, registrando o cotidiano das favelas pela percepção crítica que leve em conta o respeito aos direitos humanos e à cultura local. Constitui-se da Escola de Fotógrafos Populares, da Agência Escola, do Banco de Imagens, da **Galeria 535**, do Curso de Formação de Educadores em Fotografia e da Oficina de Pinhole (fotografia artesanal). Os alunos e os fotógrafos formados pela escola produzem e armazenam fotos de espaços e temáticas populares e também de assuntos relacionados aos direitos humanos. Os fotógrafos que trabalham para a agência são, em sua maioria, moradores de comunidades.
- A **ESCOLA POPULAR DE COMUNICAÇÃO CRÍTICA**, mais conhecida como Espocc, oferece, de acordo com o *site* do Observatório de Favelas, a jovens e adultos moradores de espaços populares do Rio de Janeiro, acesso a diferentes linguagens, conceitos e técnicas na área da Comunicação. O objetivo é formá-los como comunicadores cidadãos e multiplicadores desse conhecimento, prepará-los para a inserção no mercado de trabalho e contribuir para que eles exerçam a sua cidadania de forma plena. Nos cursos da Espocc, o aluno recebe um diploma de extensão universitária, sendo que a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) são parceiras. A escola formou a sua primeira turma no fim de 2006. Em 2008, novas turmas se iniciaram

em Nova Iguaçu, em parceria com a Prefeitura. No ano de 2010, três turmas se formaram em Vitória-ES, uma parceria do Observatório com a Secretaria Municipal de Segurança Urbana (Semsu). Nesta última edição, o curso formou jovens no módulo Mídias Digitais. A formação é pautada por exercícios práticos e pela elaboração experimental de produtos em comunicação. Uma das principais intenções da Espocc é incentivar seus alunos a organizarem, em suas respectivas comunidades, núcleos de comunicação e cultura, que venham a produzir informações e representações locais. A inclusão de uma turma de Mídias Digitais nos levou a entrevistar o atual coordenador do Viva Favela.

- O projeto **SOLOS CULTURAIS** é uma iniciativa do Observatório de Favelas, em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (SEC-RJ) e patrocínio da Petrobras, tendo como objetivo formar 100 jovens, com idades de 15 a 29 anos, de cinco diferentes territórios - Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Complexo da Penha, Mangueiras e Rocinha – em Produção Cultural e Pesquisa Social. O objetivo principal é apoiar o desenvolvimento de ações no campo da cultura, que venham a ampliar o reconhecimento do papel das favelas na construção da identidade da cidade. Além das intervenções culturais criadas e executadas pelos jovens a partir do processo de formação, o projeto também prevê um curso de pesquisa social onde os participantes aprenderão a mapear os hábitos e práticas culturais dos moradores das cinco favelas. Com base nos dados reunidos por meio da pesquisa, será criada uma Plataforma de Direitos Culturais no Território (PDCT), disponibilizada na Internet e também na publicação final do projeto, que terá por objetivo orientar a formulação de ações em cultura, por agentes públicos e privados, nas favelas contempladas. “Solos Culturais” priorizará o fortalecimento de expressões culturais já existentes nestes cinco territórios, oferecendo aos jovens agentes culturais condições – por meio do conhecimento de técnicas de produção – para que explorem ainda mais suas capacidades criativas e articulem ações empreendedoras. Ao final do curso, os jovens serão certificados pela UFRJ como concluintes de um curso de extensão em Produção Cultural e em Pesquisa Social. Dois dos jovens entrevistados encontravam-se diretamente envolvidos em ações e atividades do Observatório de Favelas, mas pelo menos mais três deles fizeram referência a algumas delas em suas entrevistas. Interessante notar também que, além de descritas no *site* oficial do Observatório da Favelas, duas delas (Espocc e Imagens do Povo) possuem *site* próprio em que os entrevistados em questão possuem algum tipo de atuação.

- **CEASM** – Centro de Ações Solidárias da Maré: sediado na Maré, existe há 12 anos e é uma organização não governamental localizada no conjunto de favelas da Maré que atua, sobretudo, com cultura e educação. Seu público-alvo são moradores do **Bairro Maré** (com aproximadamente 132 mil moradores, distribuídos por 16 comunidades). Possui uma série de iniciativas, entre elas um pré-vestibular comunitário e um jornal comunitário. O curso pré-vestibular tem como objetivo o acesso ao ensino superior em condições de igualdade e como um direito fundamental. Partindo dos conteúdos necessários aos exames vestibulares, sua prática é integrada a uma formação política e emancipatória e propõe como contribuição a formação de novos atores políticos na intervenção das mudanças necessárias no alcance de uma sociedade mais justa e igualitária. Dois dos entrevistados (aqueles que moram na Maré) participaram deste pré-vestibular.
- **O CIDADÃO** – jornal comunitário que promove a capacitação de moradores da Maré (estudantes e participantes de movimentos sociais) para a produção autônoma de veículos alternativos de comunicação. Tem como o objetivo principal a democratização do acesso a veículos de comunicação, possibilitando que moradores da Maré sejam atores no processo de produção de novos discursos sobre seu espaço de vida. Há 10 anos, editam o jornal *O Cidadão* que atualmente possui também uma versão *online*. Uma das entrevistadas é atualmente uma das responsáveis pelo jornal em questão.
- **VIVA FAVELA** – um projeto da ONG **Viva Rio**. Sua proposta central é a integração social e a inclusão digital. Na internet, trata-se de *site* colaborativo cujo conteúdo é produzido por correspondentes comunitários, que são comunicadores moradores de favelas e periferias urbanas do país. Fora da *web*, o projeto oferece também oficinas para a formação de correspondentes multimídia. O *site* do Viva Favela é referência, tendo sido criado em 2001, e foi pioneiro na produção e oferta de conteúdo temático sobre favelas e periferias urbanas na Internet. Ainda antes do surgimento das atuais mídias sociais, o projeto desenvolveu uma metodologia própria de formação de comunicadores locais e já recebeu diversos prêmios. Hoje, articula uma rede de mais de 1,7 mil usuários cadastrados no site, com mais de 200 correspondentes ativos produzindo e compartilhando conteúdos, e uma revista multimídia colaborativa enviada a cada dois meses para mais de 15 mil assinantes. Três dos entrevistados disseram ser ou ter sido colaboradores do Viva Favela como correspondentes comunitários voluntários ou remunerados (caso de uma delas, que contribui com as edições da revista do Viva Favela). Pela visibilidade e pionismo da iniciativa, entrevistamos uma das coordenadoras do Viva Favela para entender melhor o funcionamento do mesmo.

- **CORRESPONDENTES DA PAZ** – em alguns sentidos se assemelha a do Viva Favela. Tem por objetivo criar um canal de informação e intercâmbio de oportunidades entre os jovens moradores das favelas e a cidade do Rio de Janeiro de modo mais amplo. A ideia é constituir-se como um ambiente colaborativo de livre expressão e negociação. Atualmente, experimentamos a aposta em um novo modelo de Segurança Pública, que promove a aproximação entre a população e a polícia, aliada ao fortalecimento de políticas sociais nas comunidades. Por isso, o momento é propício para estabelecer novos diálogos, fortalecer a comunicação entre os mais variados segmentos da sociedade e pensar em mudanças que tragam melhorias e oportunidades para todos. Um dos(as) jovens entrevistados (e também uma das pessoas que nos deu entrevistas inicialmente) é coordenador da iniciativa e indicou uma das jovens colaboradoras do projeto que também esteve envolvida na Agência Redes de Juventude, onde se conheceram.
- **AGÊNCIA DE REDES PARA A JUVENTUDE** – coordenado por Marcus Faustini, existe desde 2010 e tem apoio da Petrobras, além de parceria com diversas iniciativas como UPP Social, Ponto de Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, Itaú Cultural, Instituto C&A etc. Nela, jovens de 15 a 29 anos de favelas que contam com UPPs (Batan, Borel, Cantagalo, Chapéu Mangueira/Babilônia, Cidade de Deus e Providência) “são criadores de seus projetos de vida e de intervenção no território, além de acessarem diversas redes”. A cada ciclo, 300 jovens recebem bolsa de R\$ 100 mensais e contam com uma equipe de mediadores para auxiliá-los na criação de tais projetos. A Agência conta com metodologia própria de formação para a ação (que inclui cultura digital, cidade e mobilização) e entre os entrevistados, três participaram diretamente de suas atividades, seja como bolsista, seja como mobilizador local. A iniciativa concebe os jovens como “agentes transformadores de seus territórios”, de acordo com documento da própria agência, “o objetivo é promover a autonomia através da experiência. É para o jovem virar um operador do mundo. Mesmo que o projeto dele não dure muito ou que não seja auto-sustentável, na Agência ele terá passado pela experiência de concretizar uma ideia. Tal aprendizado será a base para muito do que vier no futuro dos bolsistas. Eles aprendem a solucionar imprevistos, e a planejar e administrar tempo, gastos, receitas e lucro. Os quatro meses do programa servem para envolvê-lo, com apoio financeiro e humano, em uma espécie de videogame ao vivo”.
- **GRUPO ECO** – entidade sem fins lucrativo de caráter educacional e cultural e destinada a promover e apoiar, na Favela Santa Marta

e, eventualmente, fora dela, atividades e iniciativas que visem ao desenvolvimento humano integral das pessoas e da comunidade, com atenção especial às crianças, aos adolescentes e jovens em busca da afirmação da dignidade da pessoa humana; do pleno exercício da cidadania; do fortalecimento da solidariedade comunitária participativa; contribuindo para a construção de uma sociedade justa, livre e participativa. Hoje, é formado por aproximadamente 100 pessoas que se constituem no corpo de associados da entidade. Entre suas principais atividades estão a Colônia de Férias, organizada pelo grupo anualmente há mais de 30 anos, envolvendo crianças e adolescentes da favela; o grupo de adolescentes que reúne moradores jovens em atividades de formação social e política, com auxílio dos meios de comunicação (como o caso do curso Navegar é Preciso, oferecido pelo Grupo em 2011).

- **CENTRAL ÚNICA DE FAVELAS** – mais conhecida como Cufa, existe desde 1999 e atua também por meio de atividades de formação direcionadas para jovens de diferentes favelas do Rio de Janeiro, além de contar com atividades em 25 estados do Brasil. De acordo com informações disponíveis em seu *site*, promove ações nos campos da educação, esporte, cultura e cidadania, com mão de obra própria, boa parte dela oriunda de processos de formação da própria organização. Um dos focos de ação da Cufa são atividades referentes ao audiovisual e um dos entrevistados esteve envolvido com elas.
- **CENTRO INTEGRADO DE ESTUDOS E PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (CIEDS)** – fundado em 1998, é uma instituição social sem fins lucrativos, que atua em todo o território nacional, com sede na cidade do Rio de Janeiro, filial em São Paulo e escritório de representação no Ceará. Em seu tempo de existência, o Cieds realizou mais 300 projetos, envolvendo mais de 500 mil pessoas em cerca de 2.500 comunidades. Entre os apoiadores do Cieds estão o Governo do Estado do Rio de Janeiro, a Firjan e a Unicef. Dois dos jovens entrevistados citaram um curso de formação de lideranças a partir da ótica do desenvolvimento local oferecido pelo Cieds para moradores de favelas como um dos espaços que contribuíram para consolidar sua trajetória como pessoas atuantes na “área social” nas favelas em que vivem. Ambos chegaram até o curso a partir de pessoas próximas (a mãe e um amigo). Um deles diz ter passado a se perceber como uma pessoa que poderia interferir em seu local de moradia a partir desta inserção.
- **NÚCLEO PIRATININGA DE COMUNICAÇÃO (NPC)** – existe desde 1997 e é formado por um grupo de comunicadores, jornalistas, professores universitários, artistas gráficos, ilustradores e fotógrafos

que trabalham com o objetivo de melhorar a comunicação, tanto de movimentos comunitários ou populares como de sindicatos e outros coletivos. Trabalham por meio de cursos, palestras, seminários e produção de materiais de formação e informação. Ao menos dois dos entrevistados, ambos relacionados à militância da comunicação comunitária, disseram ter participado de atividades de formação do Núcleo. Uma delas contou já ter colaborado de outras formas com a organização.

- **FASE** – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional: fundada em 1961. É uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que atua em seis estados brasileiros e tem sua sede nacional no Rio de Janeiro. De acordo com informações disponíveis em seu *site*, “desde suas origens, esteve comprometida com o trabalho de organização e desenvolvimento local, comunitário e associativo”. Há alguns anos, a Fase organizou no Brasil um projeto de cunho regional envolvendo jovens de áreas populares para serem formados em direitos humanos a partir do que era vivido em seus locais de moradia. Ao menos um dos entrevistados participou deste projeto, chamado Direitos, Derechos, tendo sido indicado por uma pessoa da organização que hoje integra na favela em que vive. Ele atribuiu grande importância a essa participação para seu engajamento em atividades de direitos humanos e comunicação.
- **INSTITUTO RAÍZES EM MOVIMENTO** – nascido em outubro de 2001, no Complexo do Alemão – Região da Leopoldina, Zona Norte do Rio de Janeiro –, surge a partir de um grupo formado por jovens e universitários moradores da área ou envolvidos em trabalhos sociais na região. De acordo com informações disponíveis em seu *site*, tem como missão “promover o desenvolvimento humano, social e cultural do Complexo do Alemão e demais comunidades por meio da participação de atores locais como protagonistas desses processos, tendo como foco o fortalecimento e ampliação do capital social dessas comunidades”.
- **RÁDIO COMUNITÁRIA SANTA MARTA** – rádio comunitária da favela Santa Marta criada em 2010, da qual o Repper Fiell é um dos coordenadores e responsável por seu *site* e perfil no Facebook. Reúne representantes de grupos e organizações locais, responsáveis por diferentes programas em sua grade de programação. Desde maio de 2011, a rádio encontra-se fechada por determinação da Anatel e Polícia Federal.

ibase.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES
SOCIAIS E ECONÔMICAS**

Av. Rio Branco, 124 / 8º andar
20040-916 – Rio de Janeiro – RJ
Tel: (21) 2178-9400
Fax: (21) 2178-9402
e-mail: comunicacao@ibase.br

**www.ibase.br
twitter.com/ibasenet
facebook.com/ibase.br**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Mórula Oficina de Ideias
www.morula.com.br

**PUBLICADO SOB LICENÇA CREATIVE COMMONS.
ALGUNS DIREITOS RESERVADOS:**

